



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARÍLIA ALVES PINHEIRO

**MEMÓRIAS DO MERETRÍCIO: discursos e sociabilidades da prostituição picoense
nas décadas de 1950 e 1960**

PICOS PIAUÍ

2013

MARÍLIA ALVES PINHEIRO

**MEMÓRIAS DO MERETRÍCIO: discursos e sociabilidades da prostituição picoense
nas décadas de 1950 e 1960**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História, do Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros, da
Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof^a. Ms. Marylu Alves de
Oliveira.

Eu, **Marília Alves Pinheiro**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 24 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

P654m Pinheiro, Marília Alves.
Memórias do meretrício: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960/ Marília Alves Pinheiro. – 2013.
il. ; 4 ¾ pol. (60p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2012.
Orientador (A): Prof. Ms. Marylu Alves de Oliveira

1. Gênero. 2. Memória. 3. Prostituição. 4. Sociabilidade
I. Título.

CDD 981.812 22

MARÍLIA ALVES PINHEIRO

**MEMÓRIAS DO MERETRÍCIO: discursos e sociabilidades sobre a prostituição
picoense nas décadas de 1950 e 1960.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Marylu Alves de Oliveira.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Marylu Alves de Oliveira

Prof^ª. Ms. Marylu Alves de Oliveira
Mestre em História do Brasil
Presidente da banca examinadora

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Prof^º. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Mestre em História Social
Examinador interno

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Prof^ª. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira
Mestranda em História do Brasil
Examinadora externa

Nilsângela Cardoso Lima

Nilsângela Cardoso Lima
Mestre em História do Brasil
Suplente

Dedico com prioridade a Deus

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu misericordioso Papai Celestial por durante esses anos de luta acadêmica ter me dado sabedoria e tranquilidade. A Ele toda honra e toda glória.

O meu muitíssimo obrigado à minha querida mãe Maria e o meu pai Francisco (Fanzé), pelos anos dedicados a me fazer uma pessoa melhor em todos os aspectos. Pelos momentos de apoio, de compreensão, de incentivo. Sem vocês sem dúvida não teria conseguido. Obrigada!

Ao meu irmão Jandielle que sempre tinha palavras para me dar ânimo e mostrar que eu era capaz.

Aos meus entrevistados, muitíssimo obrigada, pessoas maravilhosas que receberam muito bem a minha proposta. Cada palavra foi imensamente aproveitada.

A todos que fizeram possível este trabalho, como o Museu Ozildo Albano, principalmente nas pessoas de Gracivalda, Sr. Albano, Betty, Chiquim, Mazé e José. Pessoas essas com quem firmei amizade pra sempre.

O meu agradecimento também ao meu noivo Cristhan Devid por sempre estar ao meu lado, me cobrindo de elogios, incentivos e apoio.

Obrigado também à minha orientadora Marylu por me mostrar o caminho e por ter sido a primeira pessoa a incentivar a realização deste trabalho.

E, agradeço também a todos os amigos e amigas que trilharam esse caminho comigo. Obrigada pelo carinho, afeto, amizade e pelas palavras de coragem a mim destinadas. Enfim, agradeço a todos que colaboraram de alguma forma para a concretização deste trabalho.

RESUMO

A prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960 é apresentada neste trabalho por meio das memórias, documentos e referências bibliográficas. Embasado pelo método-técnica da História Oral, o intuito foi de analisar as vivências e compreender os discursos dos depoentes. O referencial teórico possui a perspectiva foucaultiana, que busca os pormenores dentro dos discursos sociais. As relações entre o masculino e o feminino foram trabalhadas sob a ótica de Joan Scott. A prostituição picoense, entre 1950 e 1960, absorvida por muitos como uma prática de sociabilidade, configurava os espaços e mentes da sociedade, entretanto, possuía adjetivos e visões negativas por parte do conservadorismo moral, principalmente no tocante às mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Memória. Prostituição. Sociabilidade.

ABSTRACT

The prostitution in Picos in the decades of 1950 and 1960 is presented in this work through the memories, documents and references. Based upon the method Oral History, the aim was to examine the experiences and understand the speech of the interviewees. The theoretical framework has the foucauldian perspective, seeking the details within the social discourses. Relations between the male and female were worked from the perspective of Joan Scott. The prostitution in Picos, between 1950 and 1960, was absorbed by many as a practice of sociability, configured spaces and minds of society, however, had adjectives and negative views by the moral conservatism, especially with regard to women.

KEYWORDS: Gender. Memory. Prostitution. Sociability.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Antigo coreto da Praça Félix Pachêco na década de 1950.....	21
Fotografia 2 - Festa no Picoense Clube na década de 1950.....	21
Fotografia 3 - Festejos de Nossa Senhora dos Remédios em 1950	24
Fotografia 4 - Rua Coronel Raimundo Macêdo — uma das ruas onde funcionavam os “ambientes” picoenses	29
Fotografia 5 - Rua Grande (atual Avenida Getúlio Vargas) em 1950	31
Fotografia 6 - Rua São Pedro, local das antigas “casas amarelas”	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 GEOGRAFIA DO DESEJO	14
1.1 Para as mulheres: uma questão chamada gênero	14
1.2 Um breve discurso sobre a prostituição	17
1.3 Com a palavra: os pensamentos conservadores da época	23
1.4 Ambientes do baixo meretrício picoense	28
2 “UM OLHAR DE FORA”: A PROSTITUIÇÃO PICOENSE ENTRE MEMÓRIAS	33
2.1 A venda do corpo “indisciplinado”	34
2.2 A visão das “mulheres de família” sobre o meretrício	38
2.3 Cabarés: uma escola de vida?	42
3 FALANDO DE SI: A MEMÓRIA DAS PROSTITUTAS	48
3.1 Cotidiano dos bordéis picoenses: memórias da vida no meretrício	49
3.2 Entre a danação e a norma: brigas, proibições, normas e repressão policial no espaço do meretrício	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
FONTES E REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Segundo o IBGE¹ e o SEFAZ PI², a cidade de Picos localizada no estado do Piauí é uma região em crescente desenvolvimento, possui um comércio efervescente que é responsável pelas maiores rendas do estado. De acordo com as ideias contidas no livro de memória de Renato Duarte, *Picos: os verdes anos cinquentista*, trata-se de uma cidade considerada tradicionalista que, apesar de estar em crescimento, ainda reflete alguns dos costumes e práticas de uma época então remota. Picos ainda preserva algumas de suas sociabilidades de antes, como por exemplo, sentar-se nas calçadas ao entardecer. Mas esta é apenas algumas das formas de lazer que a população da cidade perpetuou.

Frente às variadas formas de sociabilidades, instigou-me uma que por muito tempo foi silenciada, destinada à clandestinidade por conta de seus feitos. Trata-se da prostituição no município de Picos na década de 1950³, anos de rígidos valores morais voltados principalmente, mas não exclusivamente, para as mulheres, e a década de 1960, anos em que houve mudanças no que diz respeito aos hábitos, costumes, modos de agir e pensar.⁴ Porém, o que se percebia em Picos era que essas mudanças não se visualizavam com tanta nitidez, principalmente em relação às mulheres. Diante do exposto, e bem como da influência de um trabalho realizado em sala de aula sobre esse tema, surgiu o interesse em adentrar neste mundo até pouco tempo oculto na produção historiográfica local, como se o tema e seus respectivos personagens não fizessem parte de um processo histórico. Então, neste momento foi interessante a leitura do livro de Michelle Perrot *Os excluídos da história*, onde em um dos capítulos foram abordadas as mulheres como personagens excluídos da história oficial.

Pensando neste tipo de sociabilidade, passei a investigar se seria possível fazer um trabalho com esta temática, se encontraria fontes e indivíduos dispostos a falar sobre o assunto, então, passei a buscar a viabilidade da pesquisa. Encontrei-as enfim, mesmo no início tendo receio de que não as encontraria, por se tratar de um tema delicado e porque quase não se escrevia à época sobre o assunto. Ainda sobre o receio de não encontrar fontes para a pesquisa, as palavras do professor Gleison Monteiro vieram como esperança. Em uma aula onde ele fora convidado a falar sobre sua experiência como historiador, este afirmou que não

¹ IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<http://www.ibge.com.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores>. Acesso em 26 abril 2012.

² SEFAZ PI. Secretaria de Fazenda do Piauí.

<http://www.sefaz.pi.gov.br/conteudo_internet.php?p=rd_balancos>. Acesso em 26 abril 2012.

³ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquentista*. 2. ed. rev. ampl. — Recife: [s.n.], 1995 (Gráf. Ed. Nordeste).

⁴ PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. 8ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1992. Coleção Primeiros Passos — nº 100.

havia necessidade em preocupar-se com a aparente ausência de fontes, pois estas surgiriam onde menos se esperava. E realmente foi o que aconteceu na trajetória desse trabalho!

Diante disso, o referido trabalho pretende estudar a prostituição picoense, os discursos que se configuravam em torno do meretrício durante as décadas de cinquenta e sessenta, analisando-a como uma forma de sociabilidade pois

Sociabilidade é um fenômeno que deriva do ato de reunir-se socialmente, estar com o outro, para um outro, contra o outro que, através do veículo dos impulsos e propósitos, forma e desenvolve conteúdos e interesses materiais ou subjetivos (...).⁵

O recorte temporal das décadas de 50 e 60 do século XX tem como pretensão buscar compreender as variadas visões, sociabilidades e memórias que giravam em torno do meretrício da época em questão. O trabalho levou em conta as transformações de pensamento e atitudes que ocorreram no final dos anos cinquenta para a década de sessenta, levando em conta também que essas mudanças não foram tão perceptíveis na cidade de Picos. Segundo Edwar de Alencar Castelo Branco, nos anos sessenta houve uma verdadeira contestação das tradições vigentes, uma tentativa de ruptura com a ordem tradicional, mas também uma dualidade de pensamentos:

(...) o momento de por em questão os valores, rebelando-se contra os costumes. Os conceitos, repassados pelos pais ou por outros instrumentos de serialização, como a escola, se revelariam insuficientes para dar conta de compreender um mundo que apesar de ser marcado pela velocidade de suas mutações, parecia resistente e reativo a mudanças justamente em termos dos valores e hábitos consagrados.⁶

O assunto é de grande relevância, posto que são escassas as pesquisas que norteiam esta temática em Picos, que pretende tratar especificamente da prostituição como forma de sociabilidade, os bordéis como local de entretenimento e sociabilidade, divertimento público e lazer.⁷ O que se verificou sobre o assunto são apenas citações encontradas em alguns livros que se referem de forma muito vaga à prostituição em Picos. Acredita-se que a presente pesquisa contribuirá tanto para o meio acadêmico, pois irá enriquecer o acervo histórico e

⁵ PIMENTEL, Lúcia Valeska Bomfim. *Praça José de Alencar: Pedacos da cidade, palco da vida*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza, 1998. 135f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará. p. 46.

⁶ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. Editora Annablume, 2005, p. 61.

⁷ LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1942-1962)*. Teresina: UFPI, 2007. Dissertação (Mestrado em História do Brasil)— Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras.

cultural de Picos, através de um aparato teórico, mas certamente também contribuirá para parte da sociedade que deseja ter conhecimento sobre o assunto.

Não é intenção encerrar a pesquisa desta temática no estudo escrito aqui, pelo contrário, pretende-se proporcionar e abrir novos leques de pesquisas futuras, as quais com certeza terão novas interpretações e novas roupagens. As fontes a serem disponibilizadas certamente abrirão oportunidades de pesquisas tanto em relação a esta temática como também terá abertura para outros rumos de pesquisa.

Ao estudar e analisar a prostituição em Picos utilizou-se a memória e a história oral, com o objetivo e método-técnica através dos quais será possível captar pensamentos e visões sobre os sujeitos históricos participantes desta temporalidade. Portanto, o uso da memória foi imprescindível por ser ela “[...] registro de espaços, tempos, experiências, imagens, representações.”⁸ Considerável relevância também foi a contribuição da história oral, levando em conta que “[...] o uso da voz humana, viva, pessoal, peculiar, faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata.”⁹ Sônia Maria de Freitas também potencializa a importância da história oral ressaltando que este método-técnica contribui para a construção histórica.¹⁰

A pesquisa contou ainda com o embasamento das fontes de recortes de jornais da época (*Jornal A Flâmula* - 1952, *Jornal A Ordem* - 1952 e *Jornal Folha Circulista* - 1953), dois códigos de postura da cidade (um de 1901 e outro de 1985) e livros de memória e bibliografia local como *Picos nas anotações de Ozildo Albano* e *Picos: os verdes anos cinquenta*.

Seguindo a linha metodológica da história oral pretendeu-se realizar um diálogo do passado com o presente através das lembranças dos entrevistados. De acordo com Delgado¹¹, a história oral se constitui como um procedimento metodológico que busca, através da construção de fontes e documentos, produzir conhecimento histórico. Por este motivo, procurou-se, nesta pesquisa, dar voz aos sujeitos históricos não públicos, entendidos por aqueles que se encontram à margem da sociedade, por se entender que estes também contribuem de forma significativa para a construção do processo histórico.

O trabalho foi embasado na perspectiva teórica de Margareth Rago que aborda o tema da prostituição em São Paulo e as normas de conduta da época, ideias estas contidas no

⁸ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 61.

⁹ THOMPSON, Paul, 1935- *A voz do passado: história oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

¹⁰ FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

¹¹ DELGADO, Op. Cit. p. 15-16.

livro *Os Prazeres da noite: Prostituição e códigos de sexualidade em São Paulo (1890-1930)*. Maurice Halbwachs em *A memória coletiva*, também contribuiu para este trabalho como parte importante, por este entender que o indivíduo possui lembranças individuais, mas que as memórias são construções dos grupos sociais. Andréa Lisly Gonçalves, em *História e gênero*, também foi de grande importância para a pesquisa no sentido de se conhecer melhor as relações de gênero, bem como o texto de Joan Scott, *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, em que a autora defende a ideia de que gênero é um elemento constituído no seio das relações sociais. A pesquisa também foi estruturada sob o conceito de sociabilidade para compreender as formas de interação que se manifestavam no interior destes ambientes. Segundo Simmel,

Formulamos então o princípio de sociabilidade como o axioma de que cada indivíduo deveria oferecer o máximo de valores sociais (de alegria, de realce, de vivacidade, etc.), compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo recebe.¹²

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo é feito um panorama sobre a prostituição e os lugares da “zona” na cidade de Picos nas décadas de cinquenta e sessenta, bem como um discurso conservador a respeito da venda do corpo das prostitutas e os ambientes onde ocorria esse comércio. Para uma melhor compreensão disso foi de suma importância a leitura do livro de memória de Renato Duarte *Picos: os verdes anos cinquenta*, que em poucas palavras faz uma abordagem sobre o meretrício em Picos. Também tratamos da discussão em torno da mulher, apropriando-se dos ideais de gênero. Para tanto, contribuiu nesta fase referências encontradas em livros, trabalhos e jornais que serviram de análise para embasar a construção do texto picoense.

Em seguida, pretendeu-se analisar a visão, o olhar das mulheres de família que moravam próximo aos bordéis picoenses ou que presenciaram a prostituição naquele período, bem como o olhar de um cliente que era assíduo nesses ambientes que outrora, eram marginalizados com mais vigor pela sociedade da época. Também foi feita uma discussão em relação ao corpo do ser feminino. Esses pontos abordados fazem parte do segundo capítulo deste trabalho.

No último capítulo, foi dada voz e vez à fala das próprias prostitutas, deixando vir à luz suas memórias e sociabilidades da vida no meretrício. A entrevista oral foi de suma importância, pois possibilitou neste momento um rememorar por parte dessas mulheres,

¹² SIMMEL, Georg, 1858-1918. Georg Simmel: sociologia/ organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho: [tradução de Carlos Alberto Pavanelli ... et al.]. — São Paulo: Ática, 1983, p. 172.

deixando vir à tona seus medos, suas experiências de vida, enfim, fez com que por alguns instantes, elas estivessem falando como ainda se encontrasse naquele período.

1 GEOGRAFIA DO DESEJO

Neste capítulo, iremos percorrer um pouco sobre os discursos que se configuraram, nas décadas de 1950 e 1960, em relação à prostituição, analisando características próprias de um dado momento histórico. Vamos perceber o que este “fenômeno”, chamado de meretrício, significava e como era percebido pelos sujeitos históricos. Também, procuramos compreender como funcionava esse “comércio do corpo”, tão mal visto por parte da sociedade picoense, no intuito de evidenciar os motivos que levavam as mulheres a entrarem neste “submundo”¹, compreendido por muitos como marginal, bem como buscamos entender esses discursos que, na maioria das vezes, eram carregados por um tradicionalismo que tentava condicionar os comportamentos femininos a espaços e serviços caracterizados historicamente como próprios às mulheres, tais como: o espaço da casa, cuidando dos filhos, a submissão ao marido, dentre tantos outros aspectos.

Apresentaremos, também, os “lugares proibidos” que a cidade oferecia, zonas tabus, onde uma mulher que se preocupava com a reputação, sequer passava por perto. Eram os locais destinados ao meretrício da cidade, geralmente localizados em ruas onde a população era mais desprovida de recursos financeiros. Enfim, o referido capítulo apresenta os locais onde funcionavam a maioria e os mais conhecidos prostíbulos de Picos, durante as décadas de cinquenta e sessenta.

1.1 Para as mulheres: uma questão chamada gênero

“MULHER”: sinônimo de fraqueza, fragilidade, pureza, docilidade, submissão. Certamente haveria mais adjetivos para somar a esta lista de pré-conceitos que se encontram em volta do ser feminino nas décadas de cinquenta e sessenta e, por que não, até hoje. Não é difícil imaginar a vida daquelas mulheres que quebravam as regras de uma sociedade tão preocupada em rotular o seu “caráter desviante”. Em nível geral, a situação da mulher já era, há muito tempo, considerada subalterna, impregnada por uma série de discursos e contextos que pretendiam colocar a mulher no “seu lugar”. A esta não era dada a oportunidade de expor seus ideais de vida, sua opinião, suas vontades.

¹ “Submundo” se refere a um modo de vida particular identificado como marginal; um grupo social organizado. Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 649.

A mulher deveria manter-se virgem até o casamento e geralmente não se falava em sexualidade com elas. Relações sexuais antes de casar-se eram consideradas pecado, dentro da moral religiosa que prevalecia na época. Maria Santíssima era o exemplo de castidade a ser seguido pelas jovens, que deveriam se guardar para o casamento.² À mulher era negado o direito de experimentar qualquer ato sexual antes de contrair matrimônio. Em entrevista feita com D. Maria Alves³, ela relata um pouco sobre a situação da mulher em seus tempos de juventude.

Os namoro (sic) de antigamente num era como hoje não minha filha, Ave Maria, Ave Maria. Era assim: a moça sentada aqui e o rapaz sentado acolá. Num olhava nem pro outro direito, porque a moça tinha era vergonha de olhar direito pro olho do rapaz. Os homens também era comportado. Minha filha eu vou te contar, no meu tempo, era tão difícil uma menina se perder⁴, a coisa difícil. Se se perdesse uma menina, o rapaz tinha que se casar com ela, ou casava ou morria. E se fosse um homem casado, o que tivesse era dela e ele ficava preso. Era uma sujeição danada, era difícil. As mulher (sic) era tudo direitinha, era difícil um casal se apartar [...]. Minha filha, hoje em dia, uma moça casa, poucos dia ela se aparta, não adianta mais nem casar, num tá tendo mais casamento. Padim Ciço dizia assim que a pessoa nem devia beber água na casa dum mancebado⁵, nem água era pra beber. Hoje em dia anda é junto.⁶

Para muitos, a castidade era sinônimo de ingresso em um bom casamento e orgulho para os pais da noiva, pois esta se manteve pura até a união matrimonial:

O ideal de manutenção da castidade até o casamento intervinha, inclusive, na difusão do saber acerca do corpo e da sexualidade. Por serem o recato e o pudor características atribuídas às moças de família, pais, parentes e instituições de ensino procuravam interditar à jovem o tema sexualidade. O interesse das famílias era que desconhecêssem o assunto ou conhecessem apenas o necessário para se manterem puras. Como os segmentos mais abastados no período tinham, sobretudo, formação católica, incidia a noção de pecado sobre as práticas sexuais. Mostrava-se às moças que o ato sexual só era considerado lícito no âmbito do casamento, uma vez que o casamento santificaria o encontro dos corpos.⁷

² PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). Teresina, 2008.

³ Maria Alves de Lima tem 98 anos de idade e nasceu em Iguatu-Ceará. Chegou à Picos na década de sessenta e desde esse ano é moradora da rua São Pedro, local próximo aos vários bordéis existentes nesta década. A entrevista com essa senhora foi feita no mês de julho de 2011. Em janeiro de 2013 ela veio a falecer.

⁴ A expressão *se perder* significava, naquela época, a moça que perdia a virgindade antes do casamento.

⁵ O termo *mancebado*, significava o casal que moravam juntos, mas que não se casavam legalmente perante a lei, nem no casamento civil nem no casamento religioso.

⁶ LIMA, Maria Alves de. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2011.

⁷ CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. (Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História) — 2010, p. 205-206.

Sobre a condição da mulher casada, evidenciamos a falta de liberdade e o trato dado a ela em tempos remotos. O depoimento colhido da senhora D. Mercês⁸, aborda a posição relegada às mulheres em seu tempo:

A mulher casada, ela era muito [...]. Olha, a permissão dela era muito pouquinho pra liberdade entendeu, ela não ia festa, porque os marido ia e elas ficava com as criança, aí naquele tempo, se uma ficava toda vida indo, aí o povo começava a falar mal, a falar coisa diferente [...]. As moças era igualmente o mesmo jeito, moças tinha liberdade de ir uma festa, de brincar, outras já não tinha porque os pais de antigamente [...]. Eu mesmo nunca na minha vida eu dancei, porque meu pai não deixava eu ir a festa, nem olhar nem na porta [...].⁹

Por muito tempo, a mulher foi desconsiderada como sujeito ativo da história, sempre colocada em segundo plano ou apenas como um complemento da figura masculina. A mulher prostituta então serviria para realizar os sonhos mais maliciosos que o ser masculino poderia desejar. Essa afirmação pode ser ressignificada ao longo do tempo, quando na Idade Média a mulher meretriz não deveria sentir prazer no momento da relação sexual, estava ali unicamente para proporcionar ao homem todo o desejo que este queria sentir em um ambiente fora do lar.¹⁰

Durante um longo período histórico, tinha-se a ideia de que gênero estava relacionado apenas ao masculino e feminino, homem e mulher e que as diferenças entre os sexos eram algo natural e imutável. Hoje em dia, já se tem em mente a diversidade de sexualidades e noção de que essas diferenças não são naturais.¹¹ Mas, durante muito tempo, e talvez até hoje em dia, permanece enraizado na mente de muitos, que a principal atividade atribuída às mulheres destina-se a maternidade e o espaço doméstico e familiar, sendo unicamente este o seu local de atuação. Essa posição feminina era gerada pelas diferenças entre os sexos que por, no lugar de a muito foram vistas como naturais, e que colocavam a mulher em desvantagem. Segundo Piscitelli, as desigualdades encontradas nos papéis femininos e masculinos são construídas e “naturalizadas” ao longo da história¹².

⁸ Maria das Mercês de Moura Leal nasceu em Itainópolis- Piauí, mas reside em Picos já a muitos anos. A senhora Mercês foi educada dentro dos padrões religiosos da Igreja Católica e continua assídua com as atividades ligadas a esta instituição, fazendo parte por exemplo, do Apostolado da Oração, Legião de Maria e da Mãe Rainha.

⁹ LEAL, Maria das Mercês de Moura. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

¹⁰ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1993.

¹¹ LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

¹² PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009, p. 119. (Coleção Sociedade em Foco: Introdução às Ciências Sociais).

A partir da teoria social elaborada pelas feministas da década de 1970, essas diferenças entre os gêneros nada tinham de normal e imutável. Na verdade, o que definiria essas diferenças e desigualdades estaria no âmbito da cultura, ou seja, era no meio social e cultural que se construía os papéis masculinos e femininos. Para Joan Scott, gênero é constituído das relações sociais e é baseado nas diferenças entre os sexos. À mulher, caberia um papel de subordinada nas relações de poder entre os sexos, durante muitos anos na história. Segundo Scott, é necessário analisar como esses papéis masculinos e femininos foram construídos ao longo do tempo e, segundo a mesma, uma das tarefas do historiador é examinar as maneiras como essas identidades de gênero foram construídas diante das organizações sociais e representações culturais.¹³

1.2 Um breve discurso sobre a prostituição

Dentre as várias instituições existentes relativas à sexualidade humana (namoro, casamento, família, etc.) a prostituição também é considerada como tal, porém, é vista com menos simpatia, uma vez que esta é menos “aceita” pela sociedade.¹⁴ A prostituição em Picos, como em outros lugares, enquadrava-se como uma atividade libertina, imoral para os padrões então vigentes em uma pequena cidade na metade do século XX.

Em 1950, a cidade de Picos não era muito desenvolvida, seu comércio era bastante modesto e existiam poucas residências. Porém, a cidade foi crescendo e se desenvolvendo economicamente. Na década de 1960, o espaço urbano foi se modificando para atender às necessidades da população que carecia de diversões, e a prostituição era percebida pela juventude como uma forma de diversão, de sociabilidade.¹⁵ Porém, a prostituição feminina era considerada não contrária aos ideais de fidelidade, casamento e família, dentro de uma parte conservadora da sociedade que consagrava como correto as relações monogâmicas estabelecidas entre homens e mulheres. Sobre a prostituição em São Paulo, Margareth Rago afirma que este fenômeno abria

Possibilidades de contatos inesperados, de transgressões aos comportamentos convencionais, promessas de aventuras dissonantes diante

¹³ SCOTT, Joan Wallach. “*Gênero*: uma categoria útil para análise histórica.” Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2 jul. / dez. 1995.

¹⁴ SIMÕES, Júlio Assis. *A sexualidade como questão social e política*. In: Diferenças, igualdade/ Heloisa Buarque de Almeida, José Eduardo Szwako (orgs.) — São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009 — (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais).

¹⁵ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Geografia dos Desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. Graduação (Monografia de História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

da estabilidade reinante ou apenas idealizada na imagem da família-refúgio que se procurava instituir.¹⁶

Ao passo em que a prostituta utilizava o seu corpo como instrumento de trabalho, ela passava também a ser vista como uma ameaça a uma parcela significativa da sociedade, em especial, por parte das “mulheres ditas de família” bem como por instituições religiosas, como a Igreja Católica, como uma deformadora do papel feminino, ao qual deveria estar destinado ao casamento, ser a rainha do lar e ter seu corpo destinado à maternidade. Esse tipo de instituição, a prostituição, não se inseria no modelo de família tradicional, pois, no ato de prostituir-se, surgia uma ideia de liberdade, prazer, descompromisso, divertimento fora do espaço familiar, assim como também, diferente dos preceitos religiosos, era uma atividade que não estava vinculada a ideia de procriação. Segundo as leituras feitas no livro de Renato Duarte e Margareth Rago, bem como as memórias de alguns entrevistados que veremos mais adiante, a meretriz é representada como uma mulher de “vida fácil”, sem moral, entregue aos prazeres mundanos. O meretrício, de acordo com o discurso católico e de pessoas que compartilhavam dos ideais conservadores, também estava associado a uma prática marginalizada que corrompia os papéis de mãe, mulher honesta e fiel.

Embora, boa parte da sociedade estivesse de acordo com os valores morais e tradicionais, em muitas pessoas, a figura das prostitutas, que andavam pelas ruas da cidade de Picos, causava repúdio e ao mesmo tempo curiosidade. Como relata Duarte: “Algumas donas de casa chegavam a fechar as portas e janelas de suas residências, mas era corrente que muitas delas, não contendo a curiosidade, ficavam espreitando o desfile através de rótulas ou de providenciais frestas existentes nas portas ou janelas”¹⁷.

Para o sucesso dos cabarés, as madames eram figuras muito importantes nestes espaços. No livro de memória de Renato Duarte e na tese de doutorado de Elizângela Cardoso pode-se perceber a ideia da importância dessas mulheres. Renato Duarte aborda que em Picos as donas de cabarés assumiam papéis diversos, como: empresárias, matriarcas, conselheiras e até juízas. Eram as “Marias Machado”¹⁸ de Picos.¹⁹ Elizângela Cardoso também demonstra o papel fundamental que as cafetinas desempenhavam nos bordéis de Teresina:

¹⁶ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*/ Margareth Rago. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 35.

¹⁷ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. rev. ampl. — Recife: [s.n.], 1995 (Gráf. Ed. Nordeste), p. 72.

¹⁸ Maria Machado é uma personagem do livro de Jorge Amado (Gabriela Cravo e Canela). A personagem é a cafetina do Bataclan, um bordel muito famoso da cidade de Ilhéus- Bahia. Maria Machado é uma mulher autoritária no trato com as “meninas” e conhecedora a fundo dos seus clientes. AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁹ DUARTE, Op. Cit. p. 71.

As donas de bordéis eram mulheres que tinham uma importância fundamental na dinâmica da prostituição. O sucesso do empreendimento dependia de sua perspicácia. As madames, como eram chamadas, procuravam manter sob controle as meretrizes, evitando que rejeitassem clientes e administrando os conflitos. Buscavam captar e manter a clientela. Assim, primavam, pela satisfação do cliente, buscando conhecer-lhes as preferências e mediando o contato entre o cliente e as meretrizes.²⁰

Diante das análises, o que se percebe é que as madames ocupavam uma posição de comando dentro dos bordéis. Desta figura dependia todo o funcionamento do negócio, desde o conhecimento de preferências dos clientes até o resguardo da ordem dentro do próprio cabaré.

Ir à igreja, para assistir a missa, era um divertimento duplo para os moradores da zona rural, pois antes de ouvirem o sermão do padre, desfrutavam dos prazeres que os bordéis picoenses ofereciam. Os clientes variavam entre homens solteiros e homens casados que, saindo de seus respectivos lares, iam ao encontro de mulheres que satisfizessem seus desejos mais íntimos, aos quais, muitas vezes, não poderiam encontrar no seio familiar e, de acordo com as memórias de uma entrevistada, o número de homens casados que frequentavam o ambiente do meretrício excedia o número de homens solteiros.²¹ Muitos dos homens que residiam no campo reclamavam da falta de mulheres disponíveis nesses lugares, como diz José da Luz²², em seu livro de memória:

Antes da missa, os rapazes e muitos homens casados iam se divertir na zona. Uns apenas queriam dançar, tomar uma bebida e namorar um pouco uma rapariga disponível. A maioria ia mesmo a fim de uma trepada. Na roça, era muito difícil encontrar uma prostituta. As poucas existentes tinham dono. Não podiam transar com mais ninguém.²³

Em relação à citação, pode-se fazer um paralelo com as análises de Cardoso na questão de que existiam meretrizes com donos. Mulheres que eram exclusivas para determinados homens, os quais esperavam destas fidelidade:

Era comum que nos bordéis meretrizes mantivessem relações fixas com amantes específicos. Alguns chegavam a exigir, inclusive, fidelidade. Em alguns casos, simultaneamente, os homens fugiam da conjugabilidade e procuravam aprisionar as mulheres. Explico. Muitos casados, respeitáveis

²⁰ CARDOSO, Elizângela Barbosa. Op. Cit, p. 249.

²¹ LEAL, Maria das Mercês de Moura. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

²² José Alves da Luz é médico radiologista, nascido em Picos em 1934. Analfabeto até os 18 anos, aprendeu a ler em um sanatório para tuberculosos e nunca mais parou de estudar. Foi para o Rio de Janeiro de pau-de-arara em 1960. Lá se formou médico pela Faculdade de Medicina e Cirurgia em 1969. Atualmente atende em sua clínica em Ourinhos, no interior de São Paulo, onde se fixou no começo dos anos setenta.

²³ LUZ, José Alves da. *Zé da Luz e suas histórias: o impossível é apenas difícil*. Pólen Produção Editorial Ltda, 2004, p. 23.

pais de família, mantinham prostitutas em cabarés ou em casas montadas e esperavam fidelidade.²⁴

De acordo com as análises feitas a partir do livro de memória de José da Luz e da tese de Elizângela Cardoso, podemos perceber essa particularidade referente às ações dos homens no que tange a terem preferência por determinadas prostitutas. A citação retirada do livro de José da Luz demonstra essa ideia, ao afirmar que na zona rural da cidade de Picos existiam mulheres que eram prostitutas, mas que pertenciam exclusivamente a um homem, ou seja, só podiam manter relações sexuais apenas com o “seu dono”.

A prostituição em Picos era feita por mulheres tanto da própria cidade, como também pelas que eram oriundas de outros lugares. Muitas vezes, as donas de cabarés reservavam determinadas prostitutas para clientes que tinham certas preferências, exemplo disso é um dos personagens do livro de José da Luz, onde Baldoíno recebe o recado de uma cafetina de Picos para realizar a entrega de sua pretendente.

Recebeu o recado de Carminha, a dona de um dos dois cabarés de Picos. O outro era de Jorge Amaro. Ela tinha recebido uma garota de Campina Grande, nova e muito bonita, morena de olhos verdes e cabelos longos. Estava guardando-a para ele. Havia muitos pretendentes, mas a preferência era dele.²⁵

O baixo meretrício era um dos lugares mais movimentados nas noites de sábado da cidade, principalmente a partir das 21:00h. Era neste horário que as moças de família deveriam recolher-se, pois era impensável encontrar uma moça de respeito andando pelas ruas da cidade depois deste horário. Aos homens era permitido o ato de andar depois das nove horas da noite e se retirarem para o baixo meretrício. A estes era dado o direito a visitar os bordéis, pois o lugar servia como uma afirmação de sua masculinidade. Também, a Praça Félix Pacheco, ou festas dançantes, que ocorriam em casas de família, ou ainda em prédios públicos, fervilhavam de gente nas noites de sábado. A praça era um local onde circulavam homens e mulheres que aproveitavam para conversar, flertar, marcar encontros.

²⁴ CARDOSO, Elizângela Barbosa. Op. Cit. p. 252.

²⁵ LUZ, José Alves da. Op. Cit. p. 75.



FIGURA 1
Antigo Coreto da Praça Félix Pacheco na década de 1950

Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Ozildo Albano

O prédio do Picoense Clube também era outro espaço de sociabilidade para os jovens picoenses como fica evidenciado na fotografia a seguir:



FIGURA 2
Festa no Picoense Clube na década de 1950
Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Ozildo Albano

Como demonstra a fotografia acima, mulheres e homens participavam de festas realizadas no clube, aproveitando as noites com o som das músicas da época. Percebe-se que no clube o fluxo de pessoas era muito grande, posto que a cidade oferecia poucos lugares de

diversões para a juventude. É importante salientar que as imagens utilizadas neste trabalho têm o objetivo de representar, de fazer com que o observador conheça e analise, através da imagem, o conteúdo histórico e cultural por ela representado, levando em consideração as inúmeras interpretações extraídas dos vários olhares, pois, segundo Charles Monteiro, a fotografia se constitui como um recorte da realidade, um congelamento do tempo na imagem, bem como um recorte espacial da realidade.²⁶ Como afirma Ulpiano Meneses, o uso das imagens tem a intenção de fazer uma leitura da mesma, ou seja, existe a necessidade de ler as imagens apresentando-lhes questões históricas.²⁷

Como espaços de sociabilidade, os bordéis ganhavam variadas denominações e eram reconhecidos por expressões bem inusitadas, como: cabaré, zona, frege, ambiente, os quebras, os baixos, os bregas, engenho. As mulheres, personagens principais destes lugares, também possuíam nomes e expressões as mais variadas possíveis: raparigas, mulheres solteiras, mulheres da vida livre, curicas, fubanas, primas, quengas, meretrizes. Este último termo, na linguagem popular da época, sofreu a variação e ficava conhecido por militrizes.²⁸

Fazendo uma análise da condição feminina na época, será que, realmente, as mulheres ocupavam as posições principais como protagonistas nos prostíbulos? Será se realmente tinham a liberdade sexual que era tão pregada e mal falada? Será se realmente mandavam em seus corpos, diferentes das mulheres de família, que tinham um corpo-procriação e não um corpo-prazer? Levando em consideração o papel inferior dado à mulher, ainda nas décadas de 1950 e 1960, talvez fosse pertinente se pensar o homem como agente principal, uma vez que era este quem saía em busca de satisfazer os seus desejos, e a mulher, a prostituta, por sua vez, estava ali unicamente para proporcionar à figura masculina tudo o que fosse preciso, se esta fosse paga.

Pode-se perceber que, para alguns setores sociais, como a Igreja Católica e as “mulheres honestas”, a prostituição era vista como uma forma alusiva à perversão, aos prazeres da carne. Neste sentido, no Jornal *A Flâmula*, em um artigo de Alberto Nunes de 21 de setembro de 1952, registra-se a opinião com relação às meretrizes quando do acontecimento do falecimento de uma jovem de nome Maria Joana que foi confundida com uma jovem cantora de mesmo nome. Existiam duas mulheres com o mesmo nome, uma era cantora, e a letra de suas músicas, segundo a análise do cronista, remetia à perversão, à imoralidade; a outra era uma jovem pobre que não deixara recursos para custear o próprio

²⁶ MONTEIRO, Charles. *História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa*. In: Revista Métis: história & cultura — v. 5, n. 9, p. 11-13, jan./jun. 2006.

²⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Proj. História, São Paulo, (21), nov. 2000.

²⁸ DUARTE, Renato. Op. Cit. p. 71.

enterro. Quando da morte desta, houve uma confusão de nomes, pensando-se que seria aquela à qual as músicas foram proibidas de serem escutadas pelos jovens da cidade. O anúncio foi feito através da amplificadora da cidade, porém, não se tratava desta jovem cantora, vista pela sociedade picoense como uma mulher perdida por conta da letra de suas músicas:

Lembrei-me, então, da gravação que tanto agradou aos picoenses (exceto os mais avisados) e que já não se ouvia mais, graças à intervenção do Sr. Vigário. Duas Marias Joanas prenderam, assim, as atenções do público. Uma representada pela gravação expressiva e assás realista de uma jovem leviana; outra a realidade mesma, contundente, inexorável: uma jovem acaba de expirar e não tem nada para o seu entêrro. A primeira sugeriu idéias maliciosas, envenenou, talvez, alguma cabecinha tonta pela desobediência flagrante que consubstancia [...].²⁹

Percebe-se que, na fala do cronista, até mesmo os tipos de letras de músicas tinham muito a ver com a moral, o caráter das pessoas. Determinadas letras poderiam corromper mentes juvenis. Era dessa forma que o fantasma da prostituição (com toda sua roupagem de imoralidade, perversão) era avaliado por parte da população da cidade de Picos. Fenômeno que deveria se manter distante das famílias conservadoras e religiosas, e longe dos pensamentos das mocinhas inocentes da época em questão.

1.3 Com a palavra: os pensamentos conservadores da época

Neste tópico serão analisados os discursos sobre os pensamentos conservadores³⁰, como a Igreja Católica, em relação aos “divertimentos” da juventude picoense. Os bordéis eram considerados espaços de diversão para muitos jovens, eram lugares de sociabilidades³¹, onde os indivíduos tinham interesses em comum: seja uma boa conversa, reunir-se com os amigos, ingerir bebida alcoólica à vontade ou namorar e ter relações sexuais com uma meretriz que achasse interessante.

Picos era uma cidade muito pacata e tradicionalista em 1950 e 1960, permeada de valores morais repassados principalmente pela Igreja Católica. Neste contexto, a prostituição era vista com maus olhos por parte da sociedade, pois incentivava os jovens aos prazeres mundanos, à libertinagem. A Igreja se mantinha como detentora dos valores cristãos e parte

²⁹ A FLÂMULA, Jornal. Artigo *Meu Cantinho — Maria Joana*. Alberto Nunes, 21 de setembro de 1952, p. 3-4.

³⁰ O adjetivo conservador qualifica simplesmente atitudes práticas ou ideias. Ver BOBBIO, Norberto, 1909-*Dicionário de política*/ Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; tradução Carmen C. Varriale... [et al.]; coordenação da tradução João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cascais. — Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1991.

³¹ Sobre sociabilidade ver SIMMEL, Georg. *Sociabilidade*: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). SIMMEL, Georg. *Sociologia*, São Paulo: Ática, 1996.

da sociedade era fiel aos seus ensinamentos e participava das atividades católicas da cidade. A seguinte figura demonstra a participação da população picoense em dias de festejos da igreja local.



FIGURA 3
Festejos da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios em 1950
Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Ozildo Albano

Como demonstrado na imagem acima, grande parte da população picoense era ativo nas comemorações religiosas da cidade. Na fotografia observa-se a grande quantidade de fiéis que se deslocavam de suas casas para participarem das comemorações católicas. A Igreja era um ponto de referência da religiosidade da sociedade.

O aparato religioso geralmente era formado por pessoas que buscavam seguir os mandamentos da igreja, que foram desde cedo instruídas nos ensinamentos religiosos. Para os jovens, as recomendações eram constantes, pois existia o receio destes se desviarem do que era considerado pela religião como o “bom caminho”. Podemos perceber essa concepção religiosa destinada aos jovens na fala de uma senhora que sempre fez parte das atividades da Igreja Católica, e que seguia as disciplinas impostas por esta em âmbito local:

A Igreja ensinava que eles (*jovens*) andassem bem vestido, obedecer pai e mãe, obedecer a Igreja Católica Apostólica Romana que é nossa igreja e que tivesse muita prudência diante da palavra de Deus, porque a palavra de Deus é luz em nosso caminho, nós só podemos viver com a palavra de Deus. A Igreja não queria que os jovens fosse várias e várias festa naquele tempo, né? Ela ficava pedindo aquela libertação deles pra que eles não caísse no abismo, né? Tudo isso tinha.³²

³² LEAL, Maria das Mercês de Moura. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

A Igreja Católica defendia o discurso da moral e dos bons costumes. Na Idade Média, a Igreja era a responsável por vigiar a conduta dos indivíduos, principalmente no que se referia às intimidades entre quatro paredes. O sexo, nessa época, seria realizado apenas com a finalidade de procriação. O prazer em si, seria algo que deveria ser descartado pelo casal. Os locais dos prostíbulos na Idade Média eram denominados de zonas da “luz vermelha” e deveriam estar afastados da cidade. As prostitutas tinham que possuir um diferencial que as separassem das mulheres honestas e puras. A Igreja só tolerava a sua presença porque encontrava nessas mulheres um modo de conter os homens, para que estes não incomodassem as moças virgens e as mulheres casadas.³³ Em seu texto, Jean Philippe Catonné aborda a problemática de uma moral que perseguia a liberdade sexual. Afirma que, em outros tempos, o ato de confessar-se e fazer penitência fazia parte de uma moral sexual codificada e feita de injunções:

De resto, em toda parte, a sociedade instituiu regras proibitivas. Na maior parte do tempo, elas foram sacralizadas. Isto pode ser percebido claramente nas religiões do “Livro”. O cristianismo está aqui em boa companhia. Ele nada tem a invejar do Islã no que se refere à codificação da sexualidade humana. Assim como o cristão, o casamento islâmico, o *Nikâh*, é o local exclusivo da atividade sexual. O *Nikâh* organiza uma muralha intransponível entre os sexos. A cada religião, seu peso de opressão.³⁴

A prática do meretrício poderia até ser “aceita” na Idade Média por questões já descritas acima, porém, na pequena cidade do século XX, ela adquiria conotações diferentes. Grande parte dos jornais, que tinham forte influência religiosa, viam no meretrício um lugar de imoralidades constantes, daí a preocupação com as frequentes visitas dos jovens a estes ambientes e a influência que estes poderiam causar nas mulheres.

Em Picos, na década de cinquenta, circulava um jornal chamado *Folha Circulista* que pertencia ao Órgão Oficial do Círculo Operário de Picos, ligada à Igreja Católica. Na edição de 29 de março de 1953, em um artigo intitulado “*Falta que não faz falta*”, alguns estudantes escrevem reclamando da ausência de clubes na cidade de Picos. O estudante Dagoberto de Araújo Rocha defende a ideia de que se houvesse um clube para a diversão dos jovens, estes não frequentariam lugares impróprios, ambientes antissociais, ou seja, os cabarés. O órgão da igreja se colocava contra a construção de clubes na cidade afirmando que esses lugares não passavam de fachadas, mascarando as imoralidades e perversões existentes ali:

³³ RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit.

³⁴ CATONNÉ, Jean Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje!* Jean Philippe Catonné; [tradução Michèle Iris Koralek]. – 2. Ed – São Paulo, Cortez, 2001. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 40), p. 95.

A Igreja não condena de nenhum modo a recreação sadia. O que acontece, porém, é que os tão falados clubes que se fundam em nossa cidade, mesmo que tenham êstes são ideais como fachada de propaganda inicial, nunca os realizam na prática. Mas tão grande tem sido o abuso dos clubes existentes que quando neles se fala só se pensa em dança, sobretudo aqui em Picos onde existiu o tristemente célebre “Clube” da pouco ideal “Esquina Ideal”³⁵.

³⁶

A Igreja defende-se afirmando que não é contra a dança como arte, mas é desfavorável no modo como ela é feita, os ritmos ligeiros, as marchas de carnaval, os sambas apimentados. Segundo essa, a dança como arte não acontecia, o que ocorria eram gestos animalizados, sem decência, exagero de alcoolismo, discussões e ambientes carregados de promiscuidade e sexualidade extravagantes:

Os Santos Padres da Igreja condenam a dança nos seus escritos, como escola de perversão, onde muitas vezes se lavra a sentença de morte da inocência de inúmeros jovens e donzelas. É em muitas destas tais “festas sociais” que fenece o lírio imaculado da pureza de muitas jovens cristãs.³⁷

Diante da citação anterior podemos perceber que a cobrança sobre o público feminino era muito grande, posto que as normas sociais da época visavam à virgindade da moça até a contração do matrimônio. Fazendo um paralelo com os ideais conservadores teresinenses, pode-se perceber a preocupação com os rumos que a juventude poderia tomar caso não houvesse uma intervenção religiosa:

Segundo a discursividade religiosa teresinense, era nos locais de lazer que rapazes e moças perdiam a convicção católica e, assim, afastavam-se da religião, desvirtuavam-se da vida cristã e iam se constituindo como candidatos perfeitos para a formação da família moderna. E para que isso não ocorresse, se fazia necessário que a igreja católica, auxiliada pelos pais, fosse vigilante e proporcionasse aos jovens uma comprometida formação religiosa.³⁸

As autoridades eclesiásticas picoenses se mostravam contrários à construção de clubes na cidade concordando com as ideias do trecho acima. Descartavam qualquer possibilidade de um apoio para a construção desse tipo de espaço de lazer. Segundo estes, a fundação de um clube não iria impedir a juventude de frequentar lugares de perversão,

³⁵ Essa “Esquina Ideal” ficava localizada entre a esquina da Travessa Lourenço Pereira e a Praça Félix Pacheco. Esse espaço fazia parte de um complexo de diversões que eram os cinemas Cine Guarani e Cine Ideal, a Sorveteria Ideal, além de quatro bares: Elite Bar, Bar Avenida, Bar Social e Bar de Pipoca. Todos esses ambientes ocupavam a área onde hoje funciona o Banco do Brasil. DUARTE, Renato. Op. Cit. p. 39.

³⁶ FOLHA CIRCULISTA, Jornal. Órgão Oficial do Círculo Operário de Picos, Artigo “*Falta que não faz falta*”, 29/03/1953, p. 3.

³⁷ Idem, Ibidem.

³⁸ PEREIRA, Luciana de Lima. Op. Cit. p. 200.

Afirmar que a imoralidade esta avassalando a mocidade de Picos que frequenta as zonas proibidas por falta de um clube, é ingenuidade. Haja aqui quantos “clubes sociais” sejam possíveis, a situação não mudará. Não é por isso que tal “Casa Amarela” a “Miramar” e outros congêneres abrirão falência à falta de frequentadores.³⁹

Sobre os bailes existentes nos clubes no início da República, Margareth Rago analisa que este tipo de divertimento público era censurado como sendo uma prática imoral, que alienava e corrompia a sociedade, pelo motivo de que o baile despertaria as tentações no momento em que ocorresse a aproximação dos corpos.⁴⁰ Em relação a esse conceito que se tinha de baile, segundo a análise da autora, pode-se fazer um paralelo com os pensamentos e opiniões expressas pelos eclesiásticos de Picos neste dado momento histórico. A Igreja não apoiava o que chamava de libertinagem, que dava lugar aos excessos que ocorriam nas festas destes clubes.

Em 01 de junho de 1952, o Jornal *A Ordem*, Órgão do Partido Social Democrático, publica um artigo de Alberto Nunes, que também escrevia para a Coluna Religiosa do mesmo jornal. No presente artigo, “*Só Deus*”, encontrava-se a indignação deste indivíduo em relação ao comportamento e a fala hostil e rebelde de uma jovem da cidade:

— Eu não quero salvação. Não desejo o Céu. Quero é viver, gosar (sic) a vida. Se houver inferno, podem me mandar pra lá.

Estas palavras foram proferidas por uma jovem, na praça. Refletiam o sentimento de revolta que o dominava em face da campanha encetada pelo Revmo. Padre Madeira contra as mangas curtas ou japonesas. Tremi de pavor ao ouvir aquelas palavras. Dir-se-ia que uma menságem sobrenatural ou uma autêntica demencia mental exboçava-se naquelas exclamações de uma alma presa ao modernismo pagão deste século. Sim, não somente aquela jovem mas muitas jovens estão caminhando para essa calamidade, o existencialismo. Gosar a vida, custe o que custar.⁴¹

O que fica evidenciado é que, apesar das condutas impostas pelo aparato religioso, ainda havia pessoas que fugiam às regras, possuíam um comportamento contrário aos precedentes religiosos e não se intimidavam em expor seus pensamentos. O referido artigo demonstra como o papel do vigário se impunha na sociedade, ao ponto de até mesmo controlar o tipo de roupa que as moças deveriam vestir. Fica claro, portanto, a importância dos discursos religiosos e conservadores daquela época.

³⁹ FOLHA CIRCULISTA, Jornal. Op. Cit. p. 3.

⁴⁰ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁴¹ A ORDEM, Jornal. Órgão do Partido Social Democrático. (Coluna Religiosa de Alberto Nunes - *Só Deus*) 01 de junho de 1952, p. 4

Em relação ao tipo de roupa que as mulheres deveriam usar para irem à missa, a Igreja, mais uma vez, também intervinha nas vestimentas e comportamentos femininos:

As mulheres não podia (sic) entrar na igreja com roupa sem manga, se entrasse era rejeitada e vários obstáculo (sic) diante das mulheres tinha por conta daquele jeito da igreja nossa, naquele tempo que eu fui criada né? As recomendações era maior pras mulheres, é porque hoje as mulheres estão mais livres, elas tem mais valor, são mais valorizadas, naquele tempo a mulher não tinha tamanho valor né.⁴²

O trecho da entrevista demonstra de forma clara as restrições impostas às mulheres que quisessem ser aceitas na sociedade da época em questão, mostrando inclusive, segundo a entrevistada, que essa série de regras e normas era uma forma de reduzir seu valor. A preocupação maior era guardar a honra e o pudor das mulheres picoenses.

1.4 Ambientes do baixo meretrício picoense

“Ir lá pra baixo” era o termo utilizado pelos homens (solteiros e casados) da cidade de Picos que, após as 21 horas começavam a esvaziar a Praça Félix Pacheco e “desciam” para irem ao baixo meretrício.⁴³ Os cabarés da cidade geralmente ficavam sediados em locais onde a pobreza imperava. Algumas ruas eram conhecidas por ali morarem prostitutas, como é o caso da Rua do Foguete (atual Rua Coelho Rodrigues). O nome dado a essa rua era por causa das mulheres de vida alegre que lá residiam⁴⁴. Em relação aos prostíbulo da cidade de Teresina, Bernardo Sá Filho afirma:

Nos cabarés socializavam-se mulheres da noite e homens de segmentos sociais diferenciados. Solteiros e casados, todos se divertiam (...). Na Paissandu, os cabarés eram constituídos de salão de festa, bares, restaurantes e quartos onde as mulheres recebiam os clientes. Mesmo sem luxo, aqueles cenários marcariam a memória de muitas pessoas que, por razões diversas, eram impedidas de ali comparecerem, mas que se aproximavam do local procurando uma posição estratégica que lhes permitisse ter uma visibilidade parcial do ambiente, matando assim a curiosidade.⁴⁵

⁴² LEAL, Maria das Mercês de Moura. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

⁴³ DUARTE, Renato. Op. Cit, p. 70.

⁴⁴ ALBANO, Maria da Conceição Silva, Albano Silva (orgs). *Picos nas anotações de Ozildo Albano/ Maria da Conceição Silva Albano; Albano Silva*. Picos: 2011.

⁴⁵ SÁ FILHO, Bernardo Pereira. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2006. p. 61.

Era nas ruas, do hoje conhecido bairro Bomba ⁴⁶, que se encontravam a maioria e os mais conhecidos prostíbulos de Picos: Rua São Pedro, Rua São Vicente, Rua Coronel Raimundo Macêdo, Rua Santo Inácio, etc. Foram nestes ambientes de intensa movimentação, principalmente noturna, que vários cabarés foram instalados e que circulavam as “meninas da zona”. A figura abaixo é o exemplo de uma das ruas que fazia parte da zona do baixo meretrício picoense. Hoje em dia, só restam os resquícios do que já foram os cabarés em 1950 e 1960, muitos se encontram abandonados ou então essas construções se transformaram em estabelecimentos de outros tipos, em sua grande maioria de comércio.



FIGURA 4

Rua Coronel Raimundo Macêdo (fotografada em 06 de junho de 2012) — essa era uma das ruas onde funcionavam os “ambientes” picoenses.

Fonte: Arquivo Pessoal de Marília Alves Pinheiro

Esses endereços certamente guardam lembranças e causos ocorridos nas décadas de cinquenta e sessenta na cidade picoense. Quem passa por esses lugares, hoje, pode não ter conhecimento das sociabilidades ocorridas outrora, mas os personagens ou sujeitos históricos daquela época, que fizeram parte de tudo isso, ainda guardam e reconstroem as memórias, de forma bem vivas, como algo bem presente, pois “A memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. A memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significações no presente”⁴⁷.

⁴⁶ Bairro localizado próximo à região central de Picos. O bairro recebeu este nome por ser o local onde estava localizado o único posto de gasolina da cidade.

⁴⁷ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral- memória, tempo, identidades/* Lucília de Almeida Neves Delgado. — Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 38.

Em um depoimento colhido de uma senhora, a D. Mercês, a Rua São Pedro e o bairro Bomba, eram os locais de mais intensificação de prostíbulos na cidade picoense. Esses lugares eram vistos como “zonas tabus” por parte da sociedade e nestes ambientes não era recomendável que uma moça transitasse. Essa informação pode ser percebida na memória de uma entrevistada, no momento em que ela conta um “causo”:

Depois que eu cheguei aqui, eu fui naquela rua (*São Pedro*) comprar uma bengala pra Raimundo, que só encontrava lá. Aí, eu falando pra uma amiga minha que eu tinha ido lá comprar essa bengala, porque aqui mais perto não tinha, ela disse assim: Ave Maria, tu foi naquele lugar, admiro você ter ido lá. Eu disse: Olha, eu fui lá e vi igualmente com aqui nossa rua, eu não vi nada de errado lá. Eu fiquei assim pasma com o papo daquela pessoa. A maldade tá no coração da gente. Aí a pessoa já quis maldar comigo porque eu fui lá, uma senhora de cabeça branca, dessa idade.⁴⁸

De acordo com as memórias da entrevistada, na cidade existiam espaços tabus, ou seja, havia determinados locais que eram segregados, por lá existirem a presença de prostíbulos, bares. Ocorria um compartilhamento da ideia de que, para algumas pessoas, não seria correto uma mulher de bem, de família, transitar por estas “zonas proibidas”, pois o que se estava em jogo era a reputação da mulher que deveria se resguardar em seu espaço familiar.

Segundo Renato Duarte, que pesquisou a cidade de Picos na década de 1950, a visita das prostitutas ao centro comercial da cidade acontecia às segundas-feiras. A visita destas mulheres às lojas e comércios era sempre muito aguardada pelos comerciantes, pois representava o alvorecer das vendas no começo da semana e ao mesmo tempo os homens poderiam encher os olhos com a visão produzida pelo imaginário masculino de mulheres bem vestidas, provocantes e sedutoras. A Rua Grande (atual Avenida Getúlio Vargas), era a passarela principal do longo e triunfal desfile das prostitutas de Picos que

Em pequenos grupos, exibindo suas vistosas e provocantes indumentárias, o séquito subia calmamente a avenida, provocando as mais variadas reações: curiosidade ou malícia nos homens, constrangimento ou indignação nas chamadas “senhoras da sociedade”, a ponto de elas se recolherem ao interior das suas casas, levando consigo as filhas, para que estas não presenciassem o espetáculo.⁴⁹

⁴⁸ LEAL, Maria das Mercês de Moura. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

⁴⁹ DUARTE, Renato. Op. Cit. p. 72.



FIGURA 5
Rua Grande (atual Avenida Getúlio Vargas) em 1950

Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu Ozildo Albano

As visitas ao centro da cidade nas segundas-feiras também possuíam outro motivo. Era neste dia da semana que os estabelecimentos comerciais eram menos movimentados, e esse aspecto contribuía para que as meretrizes tivessem a oportunidade de irem à Igreja Matriz, já que não lhes era oportuno assistir às missas dominicais juntamente com as famílias picoenses. Aos sábados, dia da feira, as prostitutas escolhiam um horário em que fosse improvável acontecer encontros embaraçosos com as “mulheres de família”. Segundo Duarte, as “primas” escolhiam o horário da tarde para fazerem suas compras já que as donas de casa faziam suas compras pela manhã. Entretanto, as pesquisas realizadas por Karla Ingrid de Oliveira, apontam para uma pequena mudança neste aspecto. Em 1960, as meretrizes já podiam frequentar a feira em qualquer horário bem como participarem de festas:

Na década de 1960, era permitido às prostitutas percorrerem as ruas da cidade, freqüentarem a feira livre e irem às festas, entretanto, as convenções morais não permitiam que as mulheres de família tivessem nenhum tipo de contato direto com as meretrizes, estas deviam preservar a sua honra.⁵⁰

Analisando o fragmento acima, podemos supor que, essa pequena abertura nos anos sessenta com relação ao trânsito de prostitutas pelas ruas da cidade, deu-se por conta do próprio momento histórico, já que se sentia no país, naquele momento, uma ruptura, uma contestação de valores. Porém, analisando mais um pouco o fragmento, percebe-se que por mais que tivesse havido uma pequena abertura social para essas mulheres, o fantasma do

⁵⁰ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. Op. Cit. p. 60-61.

estereótipo da prostituição sempre estava presente na mente das pessoas que preferiam continuar mantendo-se afastadas das meretrizes da cidade.

Ao analisar a documentação e a fala dos sujeitos históricos que viveram nesta época, pudemos perceber a condição feminina, principalmente no tocante às prostitutas, os vários discursos que eram produzidos em torno do comércio do corpo, sexualidade e o tipo de comportamento que era necessário aos jovens picoenses. Através destes discursos, pudemos ter uma compreensão da forte importância dos valores conservadores e tradicionais das décadas de cinquenta e sessenta. O presente capítulo apresentou ainda a geografia onde estavam localizadas as zonas do baixo meretrício da cidade. Agora, iremos analisar mais detalhadamente os depoimentos de pessoas que presenciaram “o fantasma” da prostituição em uma “visão de fora”. Acompanhe-me!

2 “UM OLHAR DE FORA”: A PROSTITUIÇÃO PICOENSE ENTRE MEMÓRIAS

(...) lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas.

Michael Pollak

Falar de memória é falar sobre as lembranças de pessoas que durante muito tempo, dentro da História Oficial foram intencionalmente esquecidas. Para um historiador amante da “fala” é intensamente prazeroso o ouvir de vozes que, anteriormente silenciadas, venham à tona com tanta vontade de se expressar. A memória constitui-se numa arma de poder, pois levando em consideração o passado, traz com toda força várias questões, mostrando que nunca esteve morta. As memórias levam em seu seio as experiências de vida, as tradições repassadas de geração a geração, enfim, as narrativas construídas de uma memória que deseja ser ouvida. Sobre memória, Delgado afirma:

Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento de processos identitários, referindo-se a culturas, comportamentos e hábitos coletivos, uma vez que o relembrar individual — especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica — relaciona-se à inserção social e também histórica de cada depoente.¹

Neste capítulo será abordado a partir da memória, as sociabilidades de sujeitos históricos que presenciaram a prostituição em Picos. Pessoas que tiveram de conviver em locais próximos às zonas do baixo meretrício, que tinham relações sociais com as personagens destes lugares, enfim, pessoas que nos revelaram muito sobre a prostituição picoense e seus desdobramentos na sociedade. Pessoas contra, pessoas coniventes. Tudo isso será analisado e discutido no presente capítulo. É o perceber da “visão de fora” em torno da prostituição na cidade de Picos. Tendo isso em mente, os depoimentos colhidos foram de uma importância valorosa, posto que contribuíram para se compreender todo o emaranhado que se formava em torno do meretrício. Aqui foi posto em reflexão a fala de pessoas simples que, de alguma forma, mantiveram contato com os bordéis e as prostitutas do período estudado, pessoas que a partir das relações sociais e dos grupos sociais aos quais compunham, possuíam sua opinião formada em relação ao meretrício picoense. No presente capítulo, também será discutido a

¹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral – memória, tempo, identidades/* Lucília de Almeida Neves Delgado. — Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 46.

venda do corpo da mulher inserida no meretrício, visto muitas vezes como um corpo que precisava ser dado limite, percebendo-se dessa maneira, o modo como se prescrevia a moral sexual e comportamental imposta à época em questão.

Parafrasando Carla Bassanezi, a moral sexual dominante dos anos cinquenta era uma moral que exigia das mulheres solteiras a virtude, a contenção sexual e a virgindade. Entretanto, as relações sexuais dos homens com várias mulheres eram permitidas e até mesmo incentivadas. Normalmente, os homens procuravam para as suas aventuras prostitutas ou mulheres com quem nunca firmariam um compromisso sério, pois existia uma enorme diferença entre as moças para se casar e as chamadas *garotas fáceis, galinhas, biscates*.²

Foi neste cenário, que apresentava o que era ou não permitido no comportamento das mulheres, e, principalmente, o que concerne à sua moral sexual, que aprofundamos a discussão em torno da prostituição, do sexo que, segundo Foucault, até no século XVII havia uma intensa repressão e censura ao se falar sobre sexo, mas que a partir do século XVIII, com as constantes transformações, intensificou-se a proliferação em torno dos discursos sobre ele.³

2.1 A venda do corpo “indisciplinado”

“O corpo é constituído, moldado e remoldado pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares.”

Stuart Hall

O corpo social é analisado como um território permeado por significações religiosas, econômicas, políticas e morais, principalmente quando se refere às mulheres. É através do corpo que se experimenta sensação de prazer, dor, força, fraqueza, etc. Pureza, pudor e honra são algumas das noções que se constroem em torno do corpo. Ao longo do tempo, a sociedade procura controlar esse corpo, impondo-lhe regras sociais. Porém,

Não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos [...]. Mas a partir do momento em que o poder produziu esse efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor [...].⁴

² BASSANEZI, Carla. *Mulheres nos anos dourados*. In: História das mulheres no Brasil/ Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. Ed. — São Paulo: Contexto, 2002.

³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. RJ. Graal. 12ª ed. 1996, p. 146.

Nos prostíbulos, homens e mulheres, que buscavam desejo, prazer, paixões, novidades, sempre tiveram seus corpos condenados por habitarem um local marginalizado pela sociedade. A prostituição, na grande maioria das sociedades ocidentais, foi vista como uma fuga do ambiente familiar, do trabalho, das normas sociais; lugar da desterritorialização e de novos territórios do desejo.⁵ A tentativa de controlar o “corpo indisciplinado” e por consequência, o sexo, é uma ideia bastante antiga encontrada nos manuais de confissão da Idade Média no século XVII:

Consideremos a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão, depois do Concílio de Trento. Cobre-se, progressivamente, a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grande número daquelas que eram correntes no século XVII. Evita-se entrar nessa enumeração que, durante muito tempo, alguns, como Sanchez ou Tamburini, acreditaram ser indispensável para que a confissão fosse completa: posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer — todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução.⁶

Para o pensamento de alguns, o corpo da mulher deveria ser “disciplinado”. Para isso era preciso vigiá-lo constantemente em todos os seus atos. Temia-se que tais atos se transformassem em uma sexualidade extravagante, correndo o risco assim da mulher perder a sua pureza e infringir o objetivo maior do sexo: a maternidade. Ainda havia o receio de que esse ser feminino se corrompesse com os prazeres da carne e entregasse o seu corpo como uma mercadoria exposta à venda no comércio.

Mulheres que vendiam ou alugavam seu próprio corpo por algumas horas ou dias. O que levava essas mulheres a praticarem esse tipo de comércio? De acordo com as análises das entrevistas realizadas com algumas prostitutas, o motivo maior para o ingresso destas no mundo da prostituição seria a busca pela sobrevivência. Porém, analisaremos mais detalhadamente a fala das meretrizes no terceiro capítulo deste trabalho. Margareth Rago analisa que os discursos produzidos na época de sua pesquisa (1890-1930) eram uma forma de criminalizar as meretrizes e destaca as razões que fomentavam a prostituição:

(...) entre as várias causas que favorecem a prostituição pública, destacam-se: a ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião, a falta de educação moral e principalmente o temperamento erótico da mulher. Além disso, acrescenta, os bailes populares

⁵ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*/ Margareth Rago. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

⁶ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. 1988, p. 25.

e as folias carnavalescas criam condições especiais para a emergência de práticas devassas e pervertidas.⁷

Em seu trabalho de conclusão de graduação, Karla Ingrid de Oliveira também expõe alguns dos motivos que contribuía para a comercialização do corpo:

Algumas dessas *mulheres-objeto* aceitavam e aprovavam a condição de descartáveis, de produtos da libertinagem. Outras embarcavam, a contragosto, na vida dos prazeres da carne por viverem em condições de extrema pobreza, a zona, seria um caminho para suprir suas necessidades básicas, tais como alimentação, moradia e vestuário.⁸

Pode-se perceber que, na maioria das vezes, a mulher prostituta era marginalizada, era vista como um mal para a sociedade, essa concepção era construída, geralmente, por quem se julgava defensor dos valores tradicionais repassados de geração em geração. Em relação ao que parte da sociedade aceitava como correto, podemos perceber alguns traços da personalidade e temperamento de parcela da sociedade de descendência italiana, em especial algumas mulheres residentes em Picos, que afirmavam ter uma formação moralista e que carregava preconceitos contra as “mulheres de vida livre”.⁹

Em 1901, já era notável a preocupação das autoridades em relação a essas personagens e o “dano” que estas poderiam causar às famílias da cidade. Esta ideia está expressa no Capítulo VII do Código de Posturas de Picos do ano de 1901:

Art.— 31: — As mulheres prostitutas

_____ são obrigadas a respeitar e guardar decôro às famílias sob pena de prisão por 24 horas que será elevada ao duplo na reincidência.¹⁰

De 1901 a 1950 a situação das referidas mulheres não modificou muito, uma vez que, elas continuaram sendo excluídas do convívio em sociedade, como propunha o código no início do século. Assim, famílias e meretrizes não poderiam, de modo algum, viver de forma harmoniosa em um mesmo espaço social. Mesmo em 1985, ainda se encontrava presente a afirmação de guardar o decoro e tranquilidade das famílias picoenses. O Código de Posturas do ano de 1985 reflete sobre a tentativa de se resguardar o sossego da sociedade no que diz

⁷ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 61.

⁸ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Geografia dos Desejos: cidade, laser, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. Graduação (Manografia de História). Universidade Federal do Piauí, 2011, p. 59.

⁹ FONSÊCA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordeste a partir do ano 1870/ Graziani Gerbasi Fonsêca— Teresina: EDUFPI. 2004.*

¹⁰ POSTURAS, Código de. Picos Piauí, *Capítulo VII*, Art. 31, 1901, p. 4.

respeito aos espaços de diversões noturnas, isso está refletido no Capítulo II intitulado “*Dos Divertimentos Públicos*”:

Art. 78 — Na localização de “dancings”, ou de estabelecimentos de diversões noturnas, a Prefeitura terá sempre em vista o sossego e decoro da população.¹¹

O cuidado em zelar pelos bons costumes estava também na perpetuação de valores conservadores, uma vez que esse pensamento se apresentava nos escritos dos indivíduos que faziam as leis da pequena cidade de Picos. Segundo o Código de 1985, toda maneira de divertimento público, fosse baile, festas, espetáculos, tinham que passar pelo consentimento prévio da Prefeitura para que se realizasse de fato. Para funcionar, qualquer casa de diversão, o proprietário tinha que possuir a licença dada pela prefeitura e a vistoria policial nestes ambientes deveria se dar com regularidade.¹² Ainda sobre o Capítulo II do mesmo código, “*Do Horário de Funcionamento*”, ficava estabelecido:

XIV — “Dancings”, Cabarés e Similares:
a) Diariamente, das 20:00 às 02:00.¹³

Para Andréa Lisly Gonçalves, estes Códigos de Conduta, ou Postura, tinham uma finalidade, destinava-se principalmente a controlar o comportamento feminino. Por isso afirma que “Seu interesse para a História, particularmente a de gênero, dá-se pelo fato de que estabelece distinções claras entre o feminino e o masculino, contribuindo para a determinação do que se espera de cada sexo”.¹⁴

Elizângela Cardoso estuda os aspectos de gênero em Teresina no período de 1920 a 1960 e analisa como o corpo social, principalmente o feminino, é posto em discussão quando se estão em jogo elementos como: a virgindade, maternidade e a “fama” das mulheres que se inserem em determinados espaços de sociabilidades. Em relação a esse receio que tem visibilidade no discurso, de não se confundir uma mulher de respeito com uma meretriz, a fala da depoente D. Maria Alves de Lima deixa transparecer um contraste no momento em que nos afirma que estabelecia relações sociais com essas mulheres, contudo, na narrativa, esta faz questão de afirmar que eram relações apenas de negócios. D. Maria Alves Lima diz que só frequentava a casa das prostitutas para vender-lhes roupas, joias e que só chegava até a sala,

¹¹ POSTURAS, Código de. Picos Piauí. *Capítulo II*, Art. 78, 1985, p. 12.

¹² Idem, p. 12.

¹³ Idem, p. 28.

¹⁴ GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero/ Andréa Lisly Gonçalves*. — Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 110.

não conhecia o restante da residência e só voltava lá quando era para receber o dinheiro da venda.¹⁵

Existia todo um cuidado com os trejeitos, a maneira como as moças se vestiam, andavam, falavam, enfim, qualquer deslize serviria de um rótulo de “má fama” para as mulheres. A seguinte citação, contida no trabalho de doutorado de Elizângela Cardoso demonstra essa ideia:

Circulando pela cidade, participando do lazer ou integrando-se às redes de sociabilidade, o corpo feminino era objeto de rigoroso exame e controle. Posturas corporais eram consideradas indícios de experiência sexual. O jeito de olhar, de sorrir, de sentar-se, de andar, os gestos, as roupas eram fontes de comentários. No sereno das diversões, durante as conversas e em encontros fortuitos, ora reputava-se, ora difamava-se. Através do burburinho, de meias-palavras, de fofocas construía-se a má fama, tanto daquelas que não se inseriam nas prédicas sociais, quanto das jovens que, a despeito de incorporar valores dominantes, não o demonstravam através de ínfimos gestos. Sempre na iminência da difamação, as jovens deveriam ter os cuidados com a roupa, os adereços e os comportamentos, principalmente, quando do namoro e do noivado.¹⁶

Entende-se que o corpo social, principalmente o corpo social feminino, sempre sofreu tentativas de controle. Por ser considerado pelos discursos oficiais, como o do código de posturas, indisciplinado, este corpo deveria manter-se constantemente vigiado por quem se julgava capaz, apto a este exercício.

2.2 A visão das “mulheres de família” sobre o meretrício

Para compreender a moral imposta nas décadas analisadas (1950 e 1960), bem como o comportamento direcionado principalmente para as mulheres, os costumes, as restrições de determinados espaços, enfim, é necessário analisar o que se passava pelas mentes dos homens e mulheres que presenciaram e vivenciaram esses períodos em questão. Neste momento do trabalho, procura-se penetrar no imaginário de pessoas que concordavam com as posturas impostas e, ao mesmo tempo, daquelas que burlavam os códigos moralistas da sociedade, pessoas que não seguiam à risca os comportamentos prescritos.

Para as mulheres, o período era de inúmeras proibições, com o intuito de resguardar-se de atitudes que pudessem “manchar sua honra” e que posteriormente, dificultasse o matrimônio tão sonhado pela família. D. Maria das Mercês de Moura Leal nos revela que,

¹⁵ LIMA, Maria Alves de. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2011.

¹⁶ CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)* / Elizângela Barbosa Cardoso. — 2010, p. 199.

para parte da sociedade, uma moça não deveria ter nenhum tipo de contato com as meretrizes. Estas não deveriam ser aceitas dentro de uma “casa de família”. Se porventura uma moça ou mulher casada fosse vista cumprimentando uma prostituta, corria-se o risco de ficarem mal falada, os comentários já se espalhavam pelas ruas, e a mulher já era considerada impura, simplesmente pelo fato de falar com uma prostituta. Vários aspectos são perceptíveis na memória de D. Maria Alves, como a opinião sobre o porquê da escolha da profissão das prostitutas, a presença destas em lugares públicos, os lugares do meretrício, a maneira de vestir-se e a mentalidade cristã enraizada na mente da depoente, podemos ver isso refletido na seguinte fala da mesma:

Eu acho que elas escolhia essa profissão porque isso é um dom que vem de longe, é uma fraqueza da carne, é um dom de nascimento que elas nasce com aquele dom, é uma falta de fé em Deus (...).

Os lugares mais complicados que eu ouvi falar era Rua São Pedro, era a Bomba, vários lugares que eu não sei te citar o nome de todos. Em vários lugares eu sei que tinha, tinha e tem, continua direto, mas é o seguinte, aquilo lá só vai quem quer, quem não quer não vai porque quem teme a Deus não chega no lugar de morrer, só chega no lugar de viver (...).

As mulheres prostitutas frequentavam as missas no mesmo horário que as outras. Se elas se comportassem bem diante dali da presença de Deus, elas ficava tudo ali igual com a gente mesmo né. As mulheres honestas rejeitava, ficava querendo uma diferença de vida pra elas respeitar mais a sociedade né (...). Tinha delas que se vestia igualmente com as outra casada, moça, e tinha delas que se vestia indecente, de jeito assim que todo mundo ficava assim falando, reclamando (...). Quando elas iam pra missa, algumas ia com roupas não composta, roupas de alça, sem manga e algumas ia bem vestida.¹⁷

Era bastante evidente que os “cuidados” com as mulheres, especialmente com os corpos destas, eram bem maiores do que os cuidados com os homens. Na fala da depoente também fica claro a forma como os valores religiosos eram presentes e se configuravam como uma ideia compartilhada por muitas pessoas.

No texto de Elizângela Cardoso, podemos perceber que para a figura masculina, o prostíbulo era um espaço de constante afirmação de sua masculinidade. A iniciação sexual do homem se daria dentro da zona, daí sua importância para a construção de sua identidade. Nos cabarés eram vivenciados vários tipos de relações, eram espaços de lazer, sociabilidade, prazer e perigo. O texto também evidencia que era muito comum encontrar na zona homens que mesmo depois de casados eram assíduos frequentadores dos prostíbulos.¹⁸

O período analisado mostra que a sociedade era impregnada por códigos e valores que limitavam os comportamentos, principalmente no que tange à sexualidade, a prostituição

¹⁷ LEAL, Maria das Mercês de Moura. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

¹⁸ CARDOSO. Elizângela Barbosa. Op. Cit.

era uma prática vista por muitos como marginalizada, identificada em oposição aos papéis de mãe e mulher honesta. Havia uma enorme distância entre uma moça e uma prostituta. Segundo a memória da senhora Maria Alves de Lima, a moça que se preocupava com a reputação não andava com uma prostituta, tampouco dançava na festa em que uma prostituta estivesse presente.¹⁹

Segundo depoimento da mesma, era na Rua São Pedro onde se iniciava a “zona proibida”, era a entrada para o submundo da marginalização para alguns seguimentos da sociedade. Ao chegar nesta rua, D. Maria Lima relembra a configuração do ambiente:

Essas casa aqui, tudo era delas acredita? Quando eu vim pra essa casa, essa carreira de casa era tudo amarela, dez casa amarela. Aí no tempo da inundação, o prefeito mandou elas regressarem, por causa das família que tava entrando na cidade (...). Era pra elas desocuparem, para entrar as família. Aí elas saíram. Aí quando nós compramos essa aqui, mandemos logo pintar de azul, porque ela era amarela.”²⁰



FIGURA 6

Rua São Pedro, local das antigas “casas amarelas”. Fotografada em 03 de Junho de 2012

Fonte: Arquivo pessoal de Marília Alves Pinheiro

De acordo com as informações das memórias, percebe-se a grande preocupação em ser confundida uma residência de uma “casa de família” com uma “casa de prostituição”. O

¹⁹ LIMA, Maria Alves de. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2011.

²⁰ Idem.

estereótipo da cor da casa era o símbolo do caráter das pessoas que residiam nela. Há algo de importante também no trecho acima no que diz respeito à desocupação, imposta pelo prefeito da época (Justino Rodrigues da Luz) ²¹, dessas casas por parte das prostitutas para que “famílias” pudessem ocupá-las.²² A própria autoridade primava pelo decoro dessas famílias ao ver a necessidade de que essa área fosse desocupada por aquele tipo de comércio (prostituição) e que nela fosse restaurada a moral do lugar, é como se quisessem tirar da memória de muitos indivíduos, o aspecto predominante daquele espaço. Fazendo um paralelo com o trabalho de dissertação de mestrado de Gleison Monteiro da Costa, o qual aborda a problemática da prostituição na cidade de Tianguá- Ceará, podemos perceber que o objetivo de afastar o meretrício de perto da sociedade, das famílias, era algo a ser alcançado, como demonstrado na seguinte citação:

Nas tensões travadas entre as relações de sociabilidade que unem “zona” e cidade, existem fatores diferentes que podem ser medidos pela construção de estratégias de controle para separar a prostituição do resto da cidade. As algazaras da prostituição, à noite, rompiam com o “sossego” da população, necessitando serem afastadas da cidade, como se fosse possível criar um espaço para a prostituição.²³

Diante da entrevista realizada com D. Maria Alves de Lima, a cidade de Picos abrigava muitos bordéis, várias casas de prostituição. A entrevistada relembra o nome de alguns desses ambientes que geralmente, eram conhecidos pelos nomes de seus proprietários:

Dos cabaré que eu conhecia, o mais falado era daquela Lindalva e outro de seu Francisquinho que foi casado com Balé. O dela era muito falado. Bem, aí tinha outro de Tunica, Cizinha era outro, Maria Preta também era cabaré na casa dela. Aqui era cheio de cabaré. Eu conhecia muita prostituta, ainda hoje eu conheço. Tinha o da mulher de Dina, o de Chiquinha. As mais idosa era Dina, Tuniquinha, as outra era tudo nova, bonita. Tinha o da Maria Enxuta, que essa era nova também. Na Rua Santo Inácio, era tudo cabaré.²⁴

Durante a entrevista feita com a senhora Maria Alves de Lima, percebeu-se que o peso da idade já se agravava sobre a sua memória, pois em alguns momentos ela fazia confusão em relação a nomes. Repetia muitas vezes o mesmo nome ou passava algum tempo tentando lembrar-se do nome das prostitutas, isso se deve talvez à sua idade bastante avançada

²¹ Justino Rodrigues da Luz foi prefeito de Picos em vários mandatos: 1931, 1932, 1933, 1935, 1937, 1947, 1948, 1951, 1955, 1959 e 1963. ALBANO, Maria da Conceição Silva. Albano Silva (Orgs.). *Picos nas anotações de Ozildo Albano*/ Maria da Conceição Silva Albano; Albano Silva. Picos, 2011.

²² Por conta da enchente de 60, algumas ruas da cidade ficaram alagadas e inabitadas, por isso a necessidade de desocupar certas áreas entendidas por muitos como desperdiçadas para que famílias pudessem morar.

²³ MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. *Trilhas e memórias do mundo da Cancela*. In: Revista de História e Estudos Culturais. Abril/ Maio/ Junho de 2005. Vol. 2. Ano II. nº 2, p. 14.

²⁴ LIMA, Maria Alves de. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2011.

posto que na época da entrevista ela tinha 98 anos de idade. No tocante a esse aspecto de momentos de esquecimento, Alessandro Portelli nos lembra de que quem trabalha com memória está lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas.²⁵

Sobre a aparência das meretrizes, sua vaidade e ainda sobre as noites de festas nos cabarés da cidade, D. Maria Alves de Lima lembra que elas andavam cobertas de joias, e com roupas bonitas. E quando era noite de festa no bordel, todas elas se vestiam com saia de cor verde e rosa.²⁶

As memórias foram pertinentes para se entender a visão de mulheres que se achavam verdadeiras “mulheres de família” e a sua relação e distanciamento com a prostituição existente na cidade de Picos. No decorrer das entrevistas percebeu-se que a moral dominante na cidade era aquela ainda muito restrita principalmente para as mulheres, porém, mesmo com tanta rigidez, observamos que pessoas como D. Maria Alves de Lima, possuíam um tipo de contato com as meretrizes, mesmo que de forma indireta, como a própria fez questão de frisar no seu depoimento. Compreender a fala e voz dessas pessoas implica também compreender de que ponto de vista elas estão falando, bem como perceber em suas falas o todo social em que estavam inseridas na época dessas vivências.

2.3 Cabarés: uma escola de vida?

Neste tópico será observado o discurso de um ex-cliente que, aliás, segundo as palavras do mesmo, foi um assíduo cliente dos bordéis da cidade de Picos. Por se tratar de um assunto ainda tabu para muitos, não foi possível coletar informações de outras pessoas que foram clientes dos bordéis picosenses e, por esse motivo, a entrevista com este senhor foi exaustivamente trabalhada. Neste momento, o objetivo foi proporcionar aos leitores do referido trabalho, um olhar de quem de perto vivenciou experiências, que sabia com detalhes a vida dentro dos bordéis e como funcionava o comércio do corpo tão condenado pelas opiniões conservadoras da sociedade.

De acordo com os parâmetros masculinos da época, à figura do homem era dada toda liberdade de ir e vir. Este poderia transitar livremente pelos espaços públicos, diferentemente do que se esperava de uma moça decente, instruída para guardar os bons costumes e

²⁵ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai Di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/memoria/portelli1.pdf>. Acesso em 07 de janeiro de 2013.

²⁶ LIMA, Maria Alves de. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2011.

comportar-se de forma reprimida, pois a esta era destinada o espaço familiar da casa. Sobre o desejo de definir espaços de atuação diferenciados para homens e mulheres, Pedro Vilarinho Castelo Branco afirma o seguinte:

Demarcar os espaços sociais masculinos e femininos era fundamental para os homens em um momento de transição, no qual o modo de organização familiar e os modelos sociais masculinos e femininos estavam sendo elaborados de forma diferente, nos discursos e nas práticas cotidianas. Daí o desejo de muitos homens de criar fronteiras bem definidas entre os campos de ação masculinos e femininos.²⁷

Em busca dos discursos dos homens em relação ao meretrício, teve-se uma dificuldade em se encontrar sujeitos históricos dispostos a falarem sobre o assunto. Suponha-se que tal receio venha da situação de casados hoje em dia, por serem pais de família, medo de infringir o caráter que construíram ao longo do tempo ou, até mesmo, pelas mudanças ocorridas ao longo do tempo no que diz respeito aos papéis sociais. Seja por estas ou outras razões, eis o motivo deste capítulo trabalhar essencialmente com a memória de apenas um sujeito histórico.

Falando sobre os prostíbulos, para nós talvez seja estranho e desconhecido ouvir a palavra *beréu*, mas na fala de um senhor chamado Francisco Ferreira da Silva²⁸, a palavra é bastante peculiar e conhecida, pois se tratava de uma das denominações que se davam aos prostíbulos de Picos. Morador da Rua Santo Inácio, este simpático senhor nos falou sobre suas memórias dentro dos cabarés da cidade, enfatizando o gosto por esses espaços:

O pessoal mais antigo sabe que minha vida era cabaré. Você pode prestar atenção que ainda hoje, ainda trago dentro de mim uma coisa: eu moro na Rua Santo Inácio, 343. Se dá cem metros daqui pra lá, tamo (*sic*) dentro do cabaré (*risos*). Eu nasci, me criei e ainda tô dentro do cabaré. Então, a última façanha minha foi casar com uma outra rapariga que eu tirei do cabaré pra poder casar comigo, que hoje é a minha esposa.²⁹

Em seu trabalho, Pedro Vilarinho Castelo Branco aponta a condição masculina na cidade de Teresina no período da Primeira República e mais uma vez é clara a opinião da Igreja Católica sobre determinados comportamentos e espaços de sociabilidade:

²⁷ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. 2. Ed. Recife: Edições Bagaço, 2005, p. 138.

²⁸ Francisco Ferreira da Silva ou Nenê electricista, como é conhecido, nasceu em Picos na Rua Coronel Raimundo Macêdo. Sempre residiu nas ruas em que se configuravam as “zonas proibidas” e desde muito cedo foi um assíduo frequentador dos bordéis da cidade.

²⁹ SILVA, Francisco Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

(...) a vivência cotidiana em espaços de sociabilidade masculina, tais como os prostíbulo, os botequins e as salas de jogos de azar (...), desde a juventude, era condenada pelos literatos e pela Igreja. Nesses espaços, os homens desenvolvem a solidariedade e os jogos de masculinidade; encontram com os iguais em ambiente sem as formalidades, sem as etiquetas, que impõem limites morais. Desenvolviavam conversas, aprendiam na convivência com os outros, trocavam experiências, escutavam histórias e se comportavam como homens, falando de mulheres, gabando-se das conquistas, do seu potencial de macho conquistador, de avantajados dotes físicos (...), mostrando-se mais macho, mais viril, mais esperto, mais resistente ao álcool (...).³⁰

Fazendo um paralelo com a narrativa do Sr. Francisco Ferreira da Silva, podemos afirmar que era grande a familiaridade do ser masculino com ambientes tidos como proibidos para as mulheres de família. O mesmo revela que praticamente morava nos cabarés afirmando que seu mundo girava em torno de cabaré, cachaça e mulher, confessando inclusive que já teve dezenove mulheres.³¹

Este mesmo senhor que acima afirmou sobre a quantidade de mulheres que já teve, nos contou sobre a sua iniciação e sua vida nos prostíbulo picoenses:

Meu pai morreu e me deixou com um ano de idade. Então como ela (*mãe*) tinha dez filhos pra sustentar, só de lavado de roupa num dava, então tinha que ter uma horazinha extra pra poder arrumar mais um recurso pra sustentar a turma. Eu aprendi tudo dentro do cabaré, minha escola, minha formação, foi toda dentro do cabaré. Eu conheci todo tipo de mulher, todo tipo de pessoas, boas e ruim. Quem entra dentro dum cabaré já sabe que a vida dele é pra levar taca e sobreviver.³²

Da citação acima, podemos perceber a condição do depoente ao afirmar que o cabaré é representado como uma escola. Lugar de diversos transeuntes, com personalidades diferentes. O depoente deixa claro que o cabaré se configura como um espaço de aprendizagem para lidar com as diferentes formas de caráter humano. Fica subentendido que desde criança ele tinha contato direto com estes espaços, pois afirma que sua mãe entrou para a prostituição para sustentar a família, pois essa seria uma renda extra.

Com o intuito de dar credibilidade à fala destes personagens, tidos como excluídos do processo histórico, nos apropriamos das ideias de Michael Pollak sobre a importância da história oral em detrimento de uma “história oficial”:

³⁰ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Op. Cit. p. 145-146.

³¹ SILVA, Francisco Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

³² Idem.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional.³³

Apresentar a fala, as memórias dessas pessoas, é contribuir para que na escrita da história esteja válida a concepção de igualdade de pensamento. Ao ouvir relatos de experiências de vida, podemos constatar como determinado sujeito histórico percebia a realidade de sua época. Ouvindo o depoimento do Sr. Francisco, percebe-se que ele tem muito a dizer, bem como possui uma memória ainda bastante ativa acerca das experiências de outrora.

Na memória do senhor citado acima, em Picos existia uma hierarquia de prostíbulos: os cabarés frequentados por pessoas da alta sociedade (portanto, mais aconchegantes e luxuosos) e os cabarés frequentados pelas camadas mais humildes. Isso fica claro na seguinte descrição:

Eu conheci cabaré que só entrava de paletó e gravata aqui em Picos. Tinha a finada Chica Guedes, Pombo Cheio, finado Antônio Fogoió, Maria Das Dores, a finada Carminha, finada Tatá, finado José de Fátima, D. Cizinha. Esse pessoal todo e outros era que tinha cabaré. Então naquela época, quem andava em cabaré era os rico da cidade. Pobre não tinha direito porque não tinha dinheiro para frequentar. Era só a alta sociedade, a elite que ia pro cabaré. Eu via quando eles passavam tudo uniformizado de paletó e gravata. No da finada Cizinha mesmo, só entrava de paletó e gravata. Esse pessoal mais velho só entrava assim, pra puder dançar e beber. Era igual as festa de hoje, pra se dançar tinha que pagar, era cobrado a entrada. Eu mesmo como não tinha dinheiro pra ir, ia pros mais baixo. Dos que eu frequentava, era a ralé, porque eu não tinha condição. Os quartos eram separados e muitas vezes o caba arrastava a mulher pra outros lugar quando acabava o dinheiro. Tinha um cabaré na Trizidela³⁴, era o chamado O Matador, lá tinha uns quiosque, lá tinha jogo. Tinha o do finado Nenê, Chico Belo, o do finado Gordo. A gente ia pro João Galinha, o mais afanado que tinha lá. Tinha a casa da Zulmira, na Rua da Malva, era festa mesmo.³⁵

Da descrição anterior, fica evidenciado que não eram poucos os meretrícios da cidade, bem como se percebe particularidades, como os bordéis em que havia restrição quanto ao uso de determinadas roupas e os que aceitavam todos os tipos de indivíduos.

Sobre a diversidade de clientela dos prostíbulos de Teresina e os objetivos que eram dados aos mesmos, Bernardo Perreira de Sá Filho nos dá uma mostra afirmando que,

³³ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. (Tradução de Dora Rocha Flaksman). Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 2.

³⁴ Este bairro é conhecido popularmente como Papelão, porém seu nome oficial é bairro Malvinas.

³⁵ SILVA, Francisco Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

São advogados, políticos, músicos, estudantes, funcionários públicos, professores, jornalistas, trabalhadores diversos e desocupados; pais de família e homens solteiros; jovens e adultos, casados e celibatários; os mais e os menos situados financeiramente que, cada um, com sua singularidade, desejosos dos mais diversos tipos de prazer, vão tecendo uma identidade coletiva, de amantes da noite, imputando à zona o significado de território do prazer, onde é possível realizar suas fantasias e saciar seus desejos.³⁶

O autor acima citado revela que toda essa diversidade masculina saía à noite em busca de prazer, divertimento, sociabilidade. E isso tudo poderia muito bem ser encontrado na zona teresinense, ou como chamavam, nos circuitos da zona. Em Picos não era diferente. Como já foi citado anteriormente, após as 21:00 hs os homens começavam a procurar as diversões noturnas e o cabaré era uma das escolhas mais agradáveis para esse público.

Outra particularidade percebida na entrevista com o Sr. Francisco sobre o meretrício picoense se encontra na questão da existência de uma pirâmide social dentro do próprio bordel, mais especificamente com relação às mulheres que lá trabalhavam. O depoente afirma que existiam prostitutas que ascendiam dentro do cabaré, que eram bem pagas pelo serviço prestado e as que com algum tempo, já não conseguiam ganhar mais tanto dinheiro e se entregavam ao alcoolismo.³⁷ Suponha-se que geralmente essas eram substituídas por moças mais novas, mais atraentes ao olhar masculino e que, portanto, perdiam o seu espaço de atuação.

Ainda segundo Bernardo Pereira de Sá Filho, a visão que se tinha de um prostíbulo era que este era representado como o lugar de prazer, de acolhimento, de paz e de muita diversão. Esta visão pode ser afirmada quando observamos a seguinte memória do Sr. Francisco com relação aos desdobramentos que se dão dentro do bordel:

As festas no cabaré era boa, com gafieira, bolero. O melhor dançarino de cabaré de Picos era rico, o finado Moacir Luz. No meu tempo os bordel (sic) era melhor que os de hoje, porque ao menos tinha orquestra. Tinha o finado Gracilho, Zé de Pistona, o finado Antônio Isaías. E tinha sanfoneiro famoso, na época era o Naraciz. Aí tinha outro, era o negro Zuza, era um dos mais afanado. Também tocava Batista, tinha Pedro do finado seu Tonho. O ritual dentro do cabaré começava com cachaça, chamava pra beber uma. Muitas não gostava porque num topava com a cara, aí era onde saía briga. Esse pessoal chegava ali numa banca, aí chamava a mulher pra beber. Naquele tempo não era cerveja, era vaca, chora na rampa, era esses os nome das bebida. Depois disso ou ia pra dentro do quarto ou ia pro relento. Além de bebida, o beréu vendia sexo, porque tinha que pagar a mulher, se não

³⁶ SÁ FILHO, Bernardo Pereira. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2006. p. 60.

³⁷ SILVA, Francisco Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

pagasse a cafetina não tinha progresso. Quem tivesse mais dinheiro era quem levava mais vantagem.³⁸

O mesmo entrevistado ainda lembra que o dono da mulher prostituta era aquele que pagava melhor e que geralmente, aconteciam brigas entre as prostitutas quando da ocasião em uma pretender tomar o cliente de outra. Segundo o depoente, era neste momento que o uso de giletes e facas eram comuns. As brigas também eram corriqueiras quando era elevado o consumo de bebida ou por preferências de mulheres. O Sr. Francisco relata ainda que nos cabarés e arredores ocorriam muitas brigas e mortes, citando que isso acontecia desde o espaço onde hoje é o Armazém Paraíba do bairro Bomba até atrás do muro da antiga Telepisa, por este motivo afirma que a presença policial nestes espaços era constante.

Escutar este depoimento foi propiciar à minha mente, por um momento, uma visualização crítica do que era e do que ocorria dentro de um bordel em tempos de outrora, bem como compreender como o sujeito “de fora” absorvia a venda do comércio do corpo. Encerro este capítulo afirmando que, de acordo com Alessandro Portelli, as narrativas não são apenas resultados de descrições de palavras e ideologias, mas também podem ser narrativas entendidas criticamente.³⁹

³⁸ SILVA, Francisco Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

³⁹ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai Di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/memoria/portelli1.pdf>. Acesso em 07 de janeiro de 2013.

3 FALANDO DE SI: A MEMÓRIA DAS PROSTITUTAS

(...) existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”.

Jacques Le Goff

O último capítulo deste trabalho trata da memória das próprias prostitutas. Conseguir entrevista com elas não foi tão difícil, porém, no momento da realização de algumas conversas foi percebido, em falas que durante muito tempo foram silenciadas, que as depoentes deixavam muito de suas memórias em outra temporalidade, no passado. É compreensível, em especial para os historiadores, que tentamos compreender a trajetória do homem no tempo, pois parte significativa daquelas memórias tratava de revelar suas vidas, sua intimidade que giravam em torno da venda dos seus próprios corpos. O tema da prostituição geralmente era um assunto tabu na época do recorte proposto para o trabalho, bem como hoje, haja vista que ainda existem pessoas que não se sentem a vontade em debater sobre essa temática. Talvez, por esse motivo, estas ainda guardem certo receio de falar tão abertamente sobre o tema.

Mesmo com a “seleção de memórias”¹, foi de uma importância grandiosíssima ter essa conversa com essas mulheres outrora marginalizadas, acreditando ainda haver resquícios de mentalidades conservadoras. Para o referido trabalho era imprescindível analisar como elas se percebiam enquanto prostitutas, contudo, percebemos que estas mulheres tentavam nos fazer compreender muitas de suas histórias, que sempre desembocavam na necessidade de entrarem para o mundo da prostituição. Analisar o que essas mulheres passavam por sua condição de meretriz, como eram tratadas pela sociedade vigente, tudo isso faz com que reflitamos de forma singular sobre esses sujeitos históricos. As narrativas dessas figuras femininas sobre a sua adesão ao mundo do meretrício, muitas vezes, vai de encontro a uma perspectiva que diz respeito ao fato da maioria das pessoas pensarem que tais mulheres se entregavam ao bel prazer apenas por falta de pudor, por uma sexualidade extravagante e muitos outros motivos carnis que se poderiam citar. Tal pensamento carregado de conservadorismo não leva em consideração as necessidades, as desaventuranças, à falta de oportunidades da época, que foram aspectos levantados como fatores primordiais nas memórias das entrevistadas. Mas veja bem, caro leitor, o trabalho não tem intenção de defender o comércio do corpo e suas personagens. O que se propõe é a utilização de um olhar crítico que perpassa por todos os vieses dessa história.

¹ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. (Tradução de Dora Rocha Flaksman). Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

Então, as próximas páginas estão destinadas a uma reflexão crítica das memórias de algumas prostitutas picoenses onde, neste momento, elas poderão falar de si. Os depoimentos discorrem sobre suas vidas no meretrício, sobre a escolha da profissão, como tudo acontecia dentro do bordel, enfim, uma percepção das próprias mulheres que se aventuraram na “zona”.

3.1 Cotidiano dos bordéis picoenses: memórias da vida no meretrício

Trabalhar com memória é perceber que as pessoas, ao falarem de suas vidas e de fatos coletivos, fazem construções em torno dessas lembranças. Muitas vezes são memórias fragmentadas, distorcidas e, sem dúvida, influenciadas pelo meio em que vivem. Ao narrar acontecimentos ou histórias de vida o depoente se entrelaça com seus sentimentos mais ocultos, pois

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análises, emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada às referências sociais da memória e da complexa trama da vida.²

Ao analisar a fala das meretrizes entrevistadas, percebeu-se, muitas vezes, uma ocultação no aprofundamento de determinadas lembranças. Isto, talvez, deva-se ao fato da concepção que se tem sobre a prostituição, ou ainda, de que para essas mulheres, ao rememorar são lembranças dolorosas, carregam um passado difícil. Enfim, muitos aspectos podem ser pensados para esses silêncios. E é justamente na análise das entrevistas com três mulheres que outrora foram prostitutas que o capítulo irá centrar-se. Quando perguntadas o porquê da escolha da profissão, elas foram unânimes em afirmar a necessidade de sobrevivência e a falta de oportunidades como os principais motivos:

Eu nunca tive infância, era só trabalho. Escolhi essa profissão só por trabalho, pra sobreviver.³

Eu escolhi essa profissão minha filha, porque isso aí é destino da vida da pessoa. Trabalhar é bom, pegar o seu dinheiro, num vai depender de ninguém.⁴

² DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral - memória, tempo, identidades/* Lucília de Almeida Neves Delgado. — Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 44.

³ D. Nilza Maria Alves nasceu em Picos Piauí. Sua mãe era dona de bordel e conhecida por Cizinha. Quando do falecimento de sua mãe, D. Nilza deu continuidade aos trabalhos no bordel com apenas dezessete anos de idade. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

⁴ D. Francisca Ferreira da Anunciação nasceu na Paraíba em 1934. Chegou em Picos com oito anos de idade. Antes de entrar para o meretrício trabalhava na roça e quase não estudou. Era dona de um bordel localizado atrás do Armazém Paraíba do bairro Bomba. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

Eu não tive oportunidade, nem de estudo, nem de nada. Eu nem terminei meu segundo grau. Foi por isso minha filha, que eu escolhi a profissão.⁵

De acordo com a fala das depoentes, a prostituição era vista como um meio de sobrevivência. Segundo esses sujeitos históricos, a ausência de oportunidade, pouca escolaridade, destino, as fizeram ingressar no mundo do meretrício.

Em alguns casos, havia uma trajetória interessante, em que algumas dessas mulheres primeiro trabalhavam nos prostíbulos e logo depois se tornavam donas desses estabelecimentos. Este foi o caso, por exemplo, de D. Izanilda:

Eu já cheguei a ser dona de um bordel, mas foi por pouco tempo, porque minha tia saiu, que minha tia é que tinha, aí ela saiu, aí eu fiquei mais minha irmã sabe, comandando ali. Aí era só nós duas mesmo, num tinha outra mulher, num tinha outra pessoa. Quando eu trabalhava com minha tia, tinha outras mulher, mas só que era muito pouca, era mais era nós mesmo.⁶

A mesma situação ocorreu com D. Nilza. A casa onde ela vive atualmente já foi em tempos mais remotos um bordel que pertencia a um casal e que depois foi comprado pela sua mãe. Na memória a seguir, D. Nilza dá detalhes sobre o assunto:

Antigamente essa casa era um bordel. Era da finada Dina com o véi (*sic*) Burgo. Eles já morreram, aí minha mãe foi comprou. Naquela época de Dina do véi (*sic*) Burgo tinha muita mulher trabalhando aqui. Essa casa já foi o bordel da minha mãe, de Francisca de Assis Rocha (*era conhecida por Cizinha*). Ela tinha muita mulher trabalhando aqui. Quando eu vim assumir, aí eu fiquei sozinha. Eu despedi todo mundo, aí fiquei só.⁷

Analisando essa recordação, fica evidenciado que essa casa de prostituição foi repassada de um dono para outro, mas sempre mantendo o seu aspecto de comércio do corpo. D. Nilza ainda recorda que antes de assumir o bordel trabalhou em outras três casas. Olhando o semblante da depoente, percebem-se marcas que o passado difícil deixou, como cansaço, um olhar depressivo e muita emoção, principalmente quando menciona o nome da mãe. Em alguns momentos, a sua memória “falha”, exemplo disso é que já não lembrava mais o nome das três boates em que trabalhou. Conseguiu lembrar apenas de duas delas, a Marajoara e a Tia Joana. Segundo Portelli, essa lacuna na memória está fortemente relacionada à história e ao tempo⁸.

⁵ D. Izanilda Maria da Luz nasceu em Vereda Grande. Trabalhou vinte anos no bordel, uma parte como dona e outra como empregada. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

⁶ Idem.

⁷ ALVES, Nilza Maria. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

⁸ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai Di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/memoria/portelli1.pdf>. Acesso em 07 de janeiro de 2013.

Sobre a estrutura existente no bordel, D. Francisca Ferreira lembra que o seu estabelecimento não era muito grande, eram cinco cômodos, sendo que apenas dois deles eram quartos.⁹ Ainda em relação à configuração dos bordéis, as memórias da senhora Izanilda ainda são bem ativas, lembrando com detalhes a estrutura do prostíbulo que trabalhava e sua localização:

O bordel que eu trabalhava num era essas coisona não. Era aqui nessa rua mesmo. Eu nunca saí dessa rua, adoro essa rua (*risos*). Era dois quarto, tinha um muro assim bem grande e duas sala bem grande. Não tinha festa nele, só era a venda de bebida, aí o homem que vinha, a gente atendia bem.¹⁰

Na memória das personagens citadas acima, percebe-se que os cabarés eram um meio social onde existia interação entre indivíduos. Ecléa Bosi atribui à memória uma função social, afirmando o papel que a memória desempenha:

Uma lembrança é diamante bruto, que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.¹¹

Sobre suas lembranças no bordel, a senhora Izanilda conta como tudo acontecia quando chegava o cliente:

Os homem (*sic*) chegava, aí a gente tratava bem. Perguntava se queria uma bebida, aí eu mesmo, minha tia sempre dizia que eu tratava bem demais. Eu sempre tratei todo mundo bem: “E aí meu filho, meu querido”. Aí por aí o papo ia, e aí chegava lá, desenrolava.¹²

Pensar essas mulheres praticando o comércio do corpo, é analisar a condição destas frente a uma sociedade que, em parte, enxergava nessa profissão a oposição entre mulheres de família (destinadas ao espaço familiar) e “as outras” (que se aventuravam no “proibido”). Segundo Perrot

(...) entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou de subvertê-las (...). Assim, as fronteiras que limitam a vida das mulheres, atribuindo-lhes mais um destino do que uma sina, movem-se ao longo do tempo.¹³

⁹ ANUNCIACÃO, Francisca Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

¹⁰ LUZ, Izanilda Maria da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

¹¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 2.

¹² LUZ, Izanilda Maria da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

¹³ PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 91.

A posição que as mulheres prostitutas “escolheram” ocupar no mundo do meretrício era percebido por uma parcela da sociedade como algo no mínimo constrangedor para as famílias tradicionais e moralistas da cidade de Picos. Na memória a seguir, fica evidenciado a repulsa de parte da sociedade com relação às personagens do bordel:

Eu me sentia rejeitada pelo trabalho que eu fazia. Antigamente eu sentia e muito, num era nem pouco. Jogavam piada. Ninguém queria entrar num lugar mais a gente. Se a gente entrasse num lugar, as pessoas num ficava, saia. Era uma loja, era em qualquer lugar. Mesmo que a gente fosse com o dinheiro da gente, na lanchonete, em qualquer lugar, se tivesse gente, Ave Maria, já saia logo do lugar. Pensava que a gente tava era doente, que a gente era doente.¹⁴

Nas lembranças transcritas acima, percebe-se o receio de algumas pessoas em estar em um mesmo ambiente que houvesse a presença de uma meretriz. O tratamento dado a essas mulheres caracteriza o momento histórico analisado, o qual predomina a valorização dos costumes e a necessidade da intensificação da moral.

Segundo as memórias de D. Izanilda, os trajes usados para o trabalho dentro dos bordéis tinham que ter muito requinte, especialmente nas noites de festas. O vestuário era composto de vestidos longos, bonitos e sapatos de salto alto.¹⁵ Em contrariedade ao bordel que D. Francisca Ferreira gerenciava, ela lembra que, apesar de vender muita bebida alcoólica, não existia festa. Não havia a obrigatoriedade de vestimentas mais complexas, as meretrizes se vestiam normalmente.¹⁶

Falar delas mesmas e de sua vida no bordel fez com que essas ex-prostitutas revivessem momentos de nostalgia misturada, muitas vezes com sentimentos de amargura pela vida difícil que enfrentavam no meretrício. Percebe-se, portanto que na fala desses sujeitos históricos estão contidas lembranças individuais que ao mesmo tempo são memórias coletivas. Sobre essa ótica, Halbwachs afirma:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (...) a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto.¹⁷

¹⁴ LUZ, Maria Izanilda da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

¹⁵ Idem

¹⁶ ANUNCIACÃO, Francisca Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2013.

¹⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 51.

As depoentes falaram individualmente, porém, de acordo com os pensamentos de Halbwachs, a memória sempre deve ser entendida como um fluxo do coletivo, pois é pertinente levar em consideração as experiências trocadas, os momentos vividos coletivamente no meio social.

3.2 Entre a danação e a norma: brigas, proibições, normas e repressão policial no espaço do meretrício

O último tópico do capítulo tratará de elementos que eram corriqueiros dentro dos prostíbulos de Picos nas décadas de 1950 e 1960. Alguns elementos foram percebidos nas memórias das mulheres que dedicaram parte de suas vidas ao meretrício. Dentre eles destacam-se as brigas ocorridas dentro ou próximas às zonas de prostituição, os horários de abertura e fechamento desses estabelecimentos e a presença policial nesses espaços.

Com relação aos dias mais movimentados no bordel, as memórias apontam para os dias de sexta e sábado. Sobre os horários de funcionamento, D. Francisca Ferreira afirma que,

O meu bordel fechava onze horas da noite e começava seis, cinco horas. No meu bordel não tinha muita briga. A polícia fazia vistoria, mas eu nunca esperei eles vim (*sic*). Eu já sabia a hora de fechar, era onze horas.¹⁸

D. Izanilda recorda que no bordel onde trabalhava geralmente não tinha horário certo para encerrar o expediente. E afirma que os dias de mais movimento eram às sextas-feiras e aos sábados.¹⁹

Em Picos, era a noite que se configuravam com mais intensidade os espaços proibidos. Pensar o prostíbulo como um espaço de entretenimento e sociabilidade é também pensar o local como propício a eventualidades. Como afirma Sá Filho,

A cidade noturna é, à luz das mentalidades e da cultura, um lugar encantador, sedutor, alegre, pacífico e, paradoxalmente, perigoso, pleno de práticas criminosas, imorais, indesejáveis. Aliás, serve a noite à construção de uma trama de prazeres motivada pela cumplicidade de homens e mulheres infames que praticam perfídias e outras ilicitudes.²⁰

¹⁸ ANUNCIACÃO, Francisca Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2013.

¹⁹ LUZ, Maria Izanilda da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2013.

²⁰ SÁ FILHO, Bernardo Pereira. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. 2006, p. 45.

O clarão da noite da cidade era percebido por alguns com aspecto de violência, imprudência e que, era mais cabível resguardar-se no lar. Em contrapartida, para outros, era a noite que a diversão começava, sem ter horários marcados para a volta ao lar.

O depoimento a seguir, da senhora Nilza Maria reflete sua memória com relação ao cotidiano das ruas que compunham a zona:

O bordel da casa de minha mãe não tinha briga, mas nessa rua tinha muita briga e muita morte. Muita morte, eu lembro, onde é aqui a CrediNorte ²¹, por aí era tudo ambiente e dentro morreu muita gente, de faca, bala e tudo. Homem de matar mulher e homem matar outro.²²

Na memória de D. Nilza Maria está contida o cuidado em resguardar a memória de sua mãe, por exemplo, em defender a ordem no bordel. Em alguns momentos, a entrevista foi interrompida por conta da emoção em falar de sua mãe, D. Cizinha. Sua casa ainda se mantém intacta desde o falecimento da mesma. É uma casa muito bonita por dentro, muitos quartos, tapetes, espelhos enormes. Infelizmente não foi possível tirar fotografias do lugar, pois a depoente alegou que desejava resguardar a memória de sua mãe.

Como já foi mencionado anteriormente, as depoentes que fazem parte deste último capítulo, muitas vezes guardavam para si informações que julgavam ser sigilosas. Normalmente não queriam aprofundar-se no assunto, expondo mais as memórias coletivas, vividas em comunidade. Halbwachs acredita que a memória não volta em sua integridade, tal como aconteceu.²³ Sobre a mesma visão de uma construção da memória, Eclea Bosi destaca sua ótica,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.²⁴

²¹ O nome faz referência à CrediNorte que é um depósito da sua loja de móveis que fica sediada na rua Santo Inácio, bairro São Vicente.

²² ALVES, Nilza Maria. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

²³ HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. p. 472.

²⁴ BOSI, Eclea. Op. Cit. p. 55.

De acordo com a ideia de Eclea Bosi, estamos lidando com memórias construídas, trabalhadas ao longo da história de vida dos indivíduos, memórias que ora se esbarram nas permanências ora nas modificações causadas pelo tempo.

É comum imaginar elementos que estavam presentes nos bordéis de outrora na cidade de Picos. Conversas, sociabilidades, dor, drama, enfim, elementos que poderiam ser encontrados em um espaço que era frequentado por diferentes tipos de sujeitos históricos de mentalidades e comportamentos diversos. Nas suas memórias, D. Izanilda fala sobre as brigas, a presença da polícia e a visão que possui com relação à casa de prostituição:

Já soube de muitas briga em outros bordel. Mulher que vem buscar o marido no cabaré, eu já vi muito. Mas só que, geralmente, eles bota pra ir embora logo. Agora, briga de rapariga com rapariga, aí é pior. Eu me lembro da morte de uma menina, acho que o nome dela era Bolinha, trabalhava no Bamboê. Aí outra prostituta pulou o muro, aí enfiou a faca e troceu, troceu e ela tava dormindo. Eu fui ver ela no hospital, mas eu até chorei do estrago, mas eu num sei porque foi não. A polícia chegava e entrava mesmo. Às vezes eles chegava educadamente, mas naquela época eles num era muito educado não. Naquelas época, eles era mais de maltratar. Nós que morava lá, nesse prostíbulo que vocês chama, porque pra nós num era isso, era uma casa normal; a gente que morava lá era tudo conhecido, num tinha briga, num tinha confusão.²⁵

Um aspecto interessante na ótica da entrevistada acima é a relutância em perceber o bordel como um prostíbulo, pois para a mesma, era uma casa como as demais. Entretanto, essa visão é individual, posto que, para parte da sociedade picoense, a casa de prostituição caracterizava-se como um espaço sem pudor, sem temor, enfim, sem prestígio algum.

De tudo que foi discutido anteriormente, vale ressaltar que o tema da prostituição não era algo direcionado apenas às prostitutas ou aos seus clientes, mas também a toda sociedade que, através dos discursos, debatiam sobre o tema. Afinal de contas, estava em jogo para alguns a defesa da honra e, para outros, a sobrevivência e a aventura de viver em mão contrária.

Espera-se que a partir das fontes e das análises que se fizeram possíveis, o trabalho realizado possa contribuir para a difusão de conhecimentos baseados na crítica e reflexão sobre a temática aqui proposta. Acredita-se que desse modo, os acontecimentos e, conseqüentemente seus sujeitos históricos, ganhem visibilidade na historiografia.

²⁵ LUZ, Maria Izanilda da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise das memórias, discursos, referências bibliográficas e outras fontes documentais, os três capítulos deste trabalho procuraram apresentar uma discussão em torno da prostituição na cidade de Picos Piauí nos períodos de 1950 e 1960.

Os discursos produzidos à época com relação ao meretrício ainda são muito escassos, observando-se lacunas e vazios na historiografia picoense sobre o assunto. O referido trabalho teve o intuito de preencher alguns desses silêncios presentes na história de Picos. A prostituição aqui, como em outros lugares, configurava-se como uma prática marginalizada para alguns, sociabilidade para outros e, ainda, uma forma de sobrevivência. Estes aspectos levavam com que os indivíduos formassem opiniões sobre o comércio do corpo e de como esse discurso era transmitido e enraizado na mente dos sujeitos históricos.

Através das análises, podemos perceber que a Igreja Católica possuía uma posição conservadora no que diz respeito à defesa dos bons hábitos e costumes, procurando sempre manter os mecanismos de controle para esse fim. E, diante das entrevistas realizadas, podemos perceber como esse discurso entrava nas “casas de família”. A prostituição como forma de sociabilidade, lazer, era outro discurso que se configurava a época em questão. O espaço do meretrício era visto como um lugar de diversão e como algo necessário à afirmação das masculinidades.

Para e em torno da figura feminina existia toda uma extensão de discursos que tentavam normatizar o seu ser social. Sua condição de submissa e inferior contrastava com a rebeldia da mulher prostituta que optava por sair da invisibilidade e ganhar ares de independência dentro dos bordéis. As relações de gênero e memória possibilitaram permear o universo das experiências e, conseqüentemente, aprofundar as pesquisas em torno das relações homem/mulher.

Percebemos então, que os discursos conservadores eram voltados especialmente para a manutenção dos valores morais, principalmente no tocante às mulheres. O que circulavam eram noções que caracterizavam as “mulheres de família” e as ditas “mulheres mundanas”. Porém, o que percebemos é que independente dos lugares que essas ocupassem, o discurso que pesava sobre elas era o mesmo: conservar os valores morais.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ALVES, Nilza Maria. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

ANUNCIACÃO, Francisca Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

LEAL, Maria das Mercês de Moura. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

LIMA, Maria Alves de. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2011.

LUZ, Izanilda Maria da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

SILVA, Francisco Ferreira da. *Depoimento concedido à Marília Alves Pinheiro*. Picos, 2012.

FONTES IMPRESSAS

Jornal A Flâmula de 1952.

Jornal A Ordem (Órgão do Partido Social Democrático) de 1952.

Jornal Folha Circulista (Órgão oficial do Círculo Operário de Picos) de 1953.

Código de Postura de Picos de 1901.

Código de Postura de Picos de 1985.

REFERÊNCIAS:

a) Livros

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ALBANO, Maria da Conceição Silva, Albano Silva (orgs). *Picos nas anotações de Ozildo Albano/ Maria da Conceição Silva Albano; Albano Silva*. Picos: 2011, p. 102.

BOBBIO, Norberto, 1909 - *Dicionário de política/ Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; tradução Carmen C. Varriale... [et al.]; coordenação da tradução João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cascais*. — Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 2.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. Editora Annablume, 2005, p. 61.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. 2. Ed. Recife: Edições Bagaço, 2005, p. 138.

CATONNÉ, Jean Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje/ Jean Philippe Catonné; [tradução Michèle Iris Koralek]*. – 2. Ed – São Paulo, Cortez, 2001. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 40), p. 95.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral- memória, tempo, identidades/ Lucília de Almeida Neves Delgado*. — Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 38.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinqüenta/ Renato Duarte*. — 2. ed. rev. ampl. — Recife: [s.n.], 1995 (Gráf. Ed. Nordeste), p. 72.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2001 – Minidicionário/ Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. *Microfísica do Poder*. RJ. Graal. 12^a ed. 1996, p. 146.

FONSÊCA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordestino a partir do ano 1870/ Graziani Gerbasi Fonsêca—* Teresina: EDUFPI. 2004, p. 261.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero/ Andréa Lisly Gonçalves*. — Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 110.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 51.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte, 2004.

LUZ, José Alves da. *Zé da Luz e suas histórias: o impossível é apenas difícil*. Pólen Produção Editorial Ltda, 2004, p. 23.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Proj. História, São Paulo, (21), nov. 2000.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. 8^a edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1992. Coleção Primeiros Passos — n° 100.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 91.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*/ Jeffrey Richards; tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1993.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*/ Margareth Rago. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 35.

SIMMEL, Georg, 1858-1918. Georg Simmel: sociologia/ organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho: [tradução de Carlos Alberto Pavanelli ... et al.]. — São Paulo: Ática, 1983, p. 172.

THOMPSON, Paul, 1935- *A voz do passado: história oral*/ Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

b) Capítulos de Livros, Artigos e Revistas

MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. *Trilhas e memórias do mundo da Canela*. In: Revista de História e Estudos Culturais. Abril/ Maio/ Junho de 2005. Vol. 2. Ano II. nº 2, p. 14.

MONTEIRO, Charles. *História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa*. In: Revista Métis: história & cultura — v. 5, n. 9, p. 11-13, jan./jun. 2006.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009, p. 119. (Coleção Sociedade em Foco: Introdução às Ciências Sociais).

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. (Tradução de Dora Rocha Flaksman). Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica.” Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2 jul. / dez. 1995.

SIMÕES, Júlio Assis. *A sexualidade como questão social e política*. In: Diferenças, igualdade/ Heloisa Buarque de Almeida, José Eduardo Szwako (orgs.) — São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009 — (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais).

c) Páginas da Internet

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.com.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores>. Acesso em 26 abril 2012.

SEFAZ PI. Secretaria de Fazenda do Piauí. <<http://www.sefaz.pi.gov.br/conteudointernet.php?p=rdbalancos>>. Acesso em 26 de abril 2012.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai Di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/memoria/portelli1.pdf>. Acesso em 07 de janeiro de 2013.

d) Monografias, Dissertações e Teses

CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)* / Elizangela Barbosa Cardoso. — 2010. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)*/ Nilsângela Cardoso Lima. Teresina: UFPI, 2007.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Geografia dos Desejos: cidade, laser, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. Graduação (Monografia de História). Universidade Federal do Piauí, 2011.

PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2008.

PIMENTEL, Lídia Valeska Bomfim. *Praça José de Alencar: Pedacos da cidade, palco da vida*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza, 1998. 135p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2006.